www.poeirazine.com

número 08 - R$ 3,00
junho / julho 2005

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

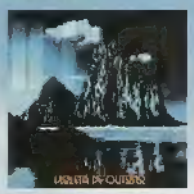
Mountain

HISTÓRIAS, TRAGÉDIAS, DISCOS COMENTADOS E UM PAPO EXCLUSIVO COM LESLIE WEST E CORKY LAING

Banana Progressiva '75 - Premiata Forneria Marconi - Black Bonzo - Tomada

MOUSE
Lady Killer
SPJCD189

THE RUNNING MAN
The Running Man
SJPCD199



VIOLETA DE OUTONO
Ilhas
VPB107CD

SNOWY WHITE
The Way It Is...
WFVP001CD

VOICEPRINT

THE BEST MUSIC YOU NEVER HEARD

www.voiceprint.com.br

ROCK • FOLK • PROGRESSIVE • JAZZ
PSYCHEDELIA • HARD ROCK • BLUES
Daevid Allen, Rick Wakeman, Iona,
Tangerine Dream, Asia, Mountain

info@voiceprint.com.br
Tel / Fax +55 (0) 11 5533 5908
Caixa Postal 18295, São Paulo, SP, 04626-970

MOUNTAIN
San Bernardino 1971
VPTMQ010CD

MOUNTAIN
Capitol Theatre 1973
VPTMQ012CD

FLASH
Two Sides Of Flash
VP362CD

GENTLE GIANT
Santa Monica Freeway
GLASS109CD

CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2° andar
São Paulo/SP CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

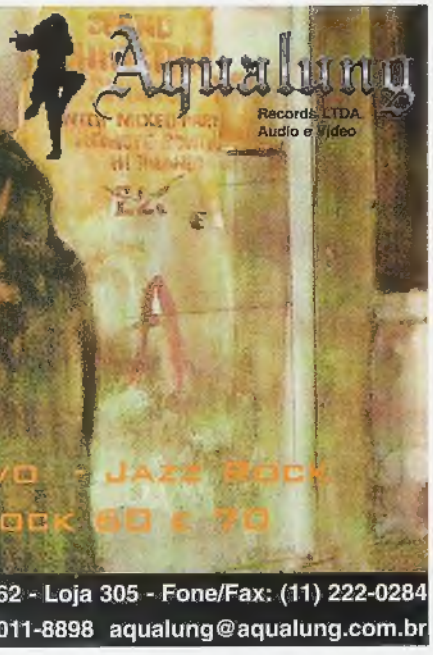
www.kingcrimson.com.br
O único site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

12 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK'N ROLL

Av.Andrade Neves,2042 - Campinas - SP
F: (19)3242-8166/www.deltabluesbar.com.br

www.aqualung.com.br



HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 aqualung@aqualung.com.br

mister sebo

CDs - LPs - DVDs - livros e revistas de música - quadrinhos
compra - venda - troca

tel: (11) 5506-2534 mistersebo@gmail.com

r. guararapes, 1616 - brooklin novo - são paulo - sp

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

☎ (11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as

LP's e CD's - Compra e Venda

Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio
80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

Jardim Elétrico CDs & LPs
www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

SEBO SÃO PAULO sebosaopaulo@bol.com.br

CD's - LP's - Livros e Afins
Compra e Venda
Rua Taquari, 35A - Mooca - São Paulo - SP
Esquina da Rua da Mooca

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

free note

STONED DISCOS POA - RS

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca

LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros

Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

Sebo Jazz & Blues

LPs - CDs - DVDs - Camisetas - Fitas de Vídeo
Compra Venda e Troca / Novos e Usados / Todos os Estilos
Assistência Técnica em Áudio e Vídeo

Rua Teodoro Sampaio, 1071 (em frente a Pça. Benedito Calixto)
www.jazzblues.com.br - São Paulo - SP - Tel: (11) 3088-2376

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's

Compra - Venda - Troca
Novos e Usados

Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753

Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

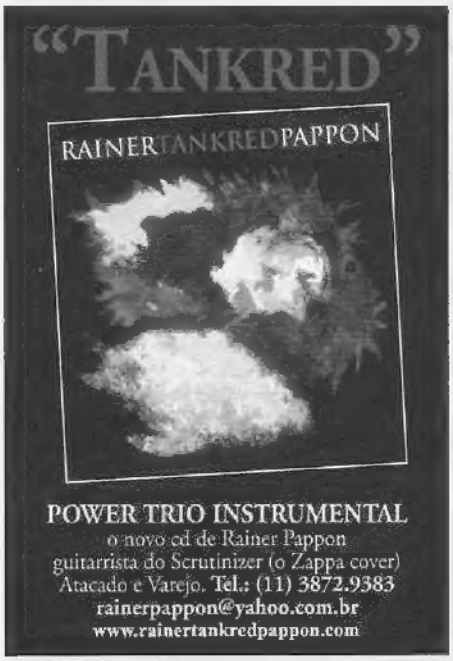
Rock Bottom

SITE ESPECIALIZADO EM ÁUDIO/VÍDEO
(CDs/DVDs/VCDs/VHS)

- Classic Rock '70
- *Kiss*
- Rock Nacional '70

Visite nosso site e adquira
o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato

WWW.ROCKBOTTOM.KIT.NET



POWER TRIO INSTRUMENTAL
o novo cd de Rainer Pappon
guitarrista do Scrutinizer (o Zappa cover)
Atacado e Varejo. Tel.: (11) 3872.9383
rainerpappon@yahoo.com.br
www.rainertankredpappon.com

SEBO JOVEM GUARDA

A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio
Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

poeira Shirts

ESTAMPAS COM AS MELHORES BANDAS DOS ANOS 60 E 70

Bad Company ref:01

Beach Boys ref:02

Brian Wilson ref:03

Blue Cheer ref:04

Bob Dylan ref:05

Bowie ref:06

Hendrix ref:07

Experience ref:08

Kinks ref:09

MC5 ref:10

MC5 ref:11

New York Dolls ref:12

poeira Zine ref:13

Runaways ref:14

Slade ref:15

Small Faces ref:16

Sonics ref:17

Status Quo ref:18

Stooges ref:19

Thin Lizzy ref:20

T. Rex ref:21

Velvet Underground ref:22

Velvet Underground ref:23

Who ref:24

Who ref:25

Who ref:26

Zappa ref:27

Zappa ref:28

Tamanhos: P,M,G e GG / Modelos: masculino e feminino / Disponíveis nas cores: preto,branco,azul, vermelho, amarelo e verde / Qualquer camiseta: R$16 (+correio)

Faça já seu pedido pelo e-mail: contato@poeirazine.com ou pelo (11) 9526-7947

Estamos aqui mais uma vez para celebrar a boa música acima de tudo...

No nosso mundo só existe música de qualidade. Só foram lançadas obras que passarão com louvor a prova de qualquer tempo. Níveis inimagináveis de influência são atingidos a cada geração que surge e isso tudo é o que nos interessa.

Outro dia eu estava numa loja de LPs aqui em São Paulo e presenciei três garotos, todos com a camiseta do Led Zeppelin, adentrarem a loja.

Olharam todas as prateleiras, do teto ao chão, sempre com aquele olhar de espanto...

O mais velho deveria ter uns 13 anos de idade. Pensei comigo mesmo: "Esses moleques vão sair daqui dando risada, para eles isso tudo não deve passar de um monte de disco velho e fedido..."

Para a minha completa surpresa, um deles puxa um disco no meio de tantos e deu um berro de comemoração parecido com o que qualquer brasileiro deu quando ganhamos nossas copas.

Ele vem caminhando para o caixa com o disco e a grana já na mão, paga e vai embora. O lojista ainda lhe ofereceu uma sacola de plástico para carregar o LP, adereço que ele vaidosamente dispensou, preferindo voltar pra casa exibindo sua relíquia pelas ruas do seu bairro.

Esse fato me lembrou minha adolescência, quando eu fazia exatamente esse tipo de coisa. Em tempos em que a juventude está animada com CDs de MP3 (que são vendidos às vezes por míseros R$5 e trazem toda a obra do artista num só disco) e com o famigerado Ipod, que armazena milhares de músicas adquiridas de graça pela Internet, a atitude desse garoto mostra que nossa juventude ainda tem jeito.

Essa juventude disposta e interessada, bem diferente daquela apática e vazia que é a maioria por aí, é um dos principais alvos dessa publicação. "Quem tem mais de 30 já está conquistado pela poeira Zine" me garantiu um amigo, e pode até ser que ele tenha razão. Nós que já passamos dos 25, temos obrigação de mostrar para essa molecada toda a riqueza e importância da música dos anos 60 e 70. Somos pais, irmãos mais velhos, tios, primos, vizinhos, amigos de escola. Nosso papel é fundamental para o crescimento cultural dessa nova moçada que não para de surgir.

Não é a toa que vibro a cada e-mail que recebo de um garoto de 14 anos de idade pedindo matérias de bandas como Cactus, Thin Lizzy, Humble Pie, Jethro Tull, Gentle Giant e King Crimson...

Isso acontece esporadicamente e se depender da poeira Zine passará a acontecer cada vez mais. É sempre um imenso prazer mostrar tudo isso a vocês. Se deliciem com mais esse número e um grande abraço a todos.

(só para saciar a ânsia dos mais curiosos: o disco que o garoto comprou foi o *Chocolate Kings* do Premiato Fameria Marconi!)

Bento Araújo

www.poeirazine.com

poeira Zine

Bento Araújo **nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor chefe da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...**

Jornalista Responsável :
Bento Araújo Mtb 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line: www.poeirazine.com

E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947

Caixa Postal 12089 - CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Colaboraram nesta edição: Sérgio Alpendre

Capa e contra-capa: Carol Penna e Bento Araújo
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Fotos: Bento Araújo, Divulgação e Reprodução.

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Deus, Vô Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira), Patrícia Grillo, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, Pedrão So What, Joe, João Paulo Andrade, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson Queen e Zé, Danilo, Leopoldo Rey, Jorge, Dr. Rock, Marco Freenote, Leonardo e Rafael (Penny), Alcides, Jorge "Rocker", Orlando Halley, Júlio Kondo, Renatão Kiss, Cahuê, Neigmar, Fábio Goiânia, Luciano Opus, Edinei, Riva de Campinas, Carlos Sensorial, Delta de Campinas (Alexandre), Leslie & Corky, Ricardo Côrte Real, Kid Vinil, Rainer T. Pappon, Jeferson Araújo Pereira, Antônio Carlos (site King Crimson), Marcelo St. André, Eric e Cristovam, Tomada, Paulo (Sebo SP), Donizeti Cactus, Sérgio Sayeg e Teca, Jean Metal, Getúlio, Ivan Stoned, Luiz (Classic Rock), Luiz (Roots), Alê (Museu), Fábio (Hiplace), Otaviano e Vera, Toni de Gomes, Dagoberto, Paulo e Marco, Alê Floripa, Alberto e Jorge (Mairiporã), Fernando Freedom, Pedrão Feira St André, Elias Aftim, Wagner Shirts, Róbson Mechanix, Marco (Mister Sebo).

FEIRA LIVRE DO VINIL DE SANTO ANDRÉ

COMPLETANDO 1 ANO DE ATIVIDADE

Dia 18 de junho - sábado - das 10:00 as 17:00 hs

No Saguão do Teatro Municipal de Santo André
Entrada Franca - Estacionamento gratuito
Paço Municipal: Praça Quarto Centenário, s/n - Centro - Santo André
Informações: 4433-0711 / 4433-0682 - Fique atento: todo mês rola a feira!

quem se foi...

these guy's are gone but they're not forgotten...

Rod Price

(Foghat/Black Cat Bones)

22/11/1947-22/03/2005

Esse mestre na arte da slide-guitar começou sua carreira no Blues praticado pelas bandas Shakey Vic's Big City Blues Band e Dynaflow Blues. Tudo começou a decolar quando substituiu o gênio Paul Kossoff na banda Black Cat Bones, um dos ícones da cena do british-blues do final dos anos 60. Koss e Simon Kirke abandonaram o Black Cat Bones em 1968, formando naquele mesmo instante outra banda que sacudiria o Rock, o Free.

Assim como Peter Green, Alvin Lee, Eric Clapton, Mick Taylor, Paul Kossoff e muitos outros, Rod Price se destacou numa época em que o Blues estava em alta no velho continente. A cena dos clubes fervia e Price sempre impressionava por seu slide e seu timbre inconfundível, carregado de feeling e paixão. Fanático por Muddy Waters, Robert Johnson, Elmore James e também pelo Blues elétrico de Chicago, Price se tornou facilmente o melhor "slide player" da Inglaterra, eletrificando e levando às últimas conseqüências a invenção do pessoal do delta do Mississipi.

Como o Black Cat Bones ficou somente naquele primeiro disco de 1969, *Barbed Wired Sandwich* (depois o grupo se transformou no Leafhound, outro gigante agrupamento Hard dos setenta), o jeito foi aceitar o convite de três integrantes do Savoy Brown que estavam deixando a banda.

"Lonesome" Dave Peverett, Roger Earl e Tony Stevens não aguentavam mais as excentricidades do líder Kim Simmonds e resolveram se mudar para os EUA para lá formar um novo grupo, o Foghat.

Com Rod Price na guitarra principal, o Foghat lançou uma série de grandes discos nos anos 70, dentre os quais podemos destacar *Foghat* (1972), *Foghat aka Rock N' Roll* (1973), *Energized* (1974), *Rock N' Roll Outlaws* (1974), *Fool For The City* (1975), *Night Shift* (1976), *Foghat Live* (1977) e *Stone Blue* (1978), todos no mínimo obrigatórios numa coleção de respeito. Em meio a tantos hits e "rockões" fica difícil destacar uma faixa ou mesmo uma atuação do guitarrista; "Slow Ride", "Fool For The City", "Ride Ride Ride", "It Hurts Me Too", "I'll Be Standing By" e "Honey Hush" são de arrepiar!

Price abandonou o barco em 1981, dando início a uma carreira solo que só rendeu frutos fonográficos quase 20 anos depois com o lançamento do bacana Open, lançado em 2000. Price chegou também a participar de trabalhos com bluesmans do porte de Champion Jack Dupree, Duster Bennett , Eddie Kirkland, Muddy Waters, John Lee Hooker, Willie Dixon e Honey Boy Edwards. Parecia muito empolgado com seu último disco, *West Four*, lançado em 2003, que trazia o "autêntico espírito do Blues" como o próprio definiu.

A linha de frente do Foghat não se encontra mais entre nós, já que "Lonesome" Dave Peverett faleceu de câncer em fevereiro de 2000.

Causa da morte: Rod Price morreu aos 57 anos ao cair de uma escada em sua casa (uma morte semelhante a de Sandy Denny, vocalista do Fairport Convention, falecida em 1978). O guitarrista não suportou aos traumatismos na cabeça e veio a falecer logo em seguida ao acidente.

Jakson Spires

(Blackfoot/Southern Rock All Stars)

12/04/1951-16/03/2005

O Blackfoot sempre foi um grupo muito querido pelos amantes do Rock Sulista norte-americano.

Na virada dos anos 70 para os 80, o Blackfoot reinou absoluto num período em que bandas como o Allman Brothers, Lynyrd Skynyrd e Marshall Tucker Band ou estavam com suas atividades interrompidas ou já não rendiam o mesmo de antigamente.

O peso do Blackfoot conquistou também o público mais "heavy", prova maior disso foram as excursões que fizeram ao lado de bandas como o Iron Maiden, Scorpions, AC/DC, Def Leppard, além do ZZ Top, The Who e Deep Purple.

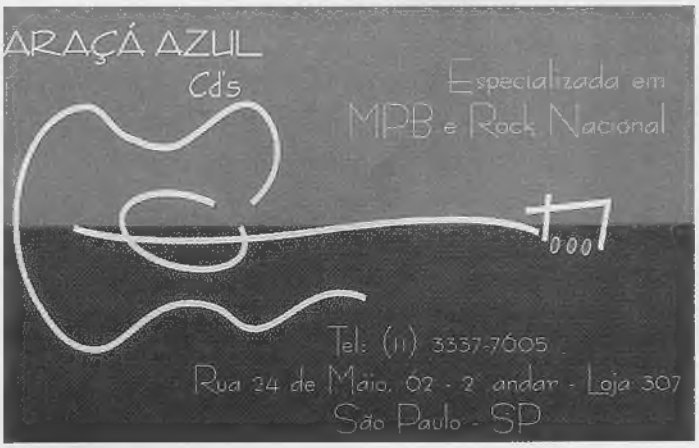
A banda conquistou a Inglaterra em 1982, lançando o "desesperador" *Highway Song Live*, gravado durante a tour britânica que contou com vários concorridos concertos no lendário Hammersmith Odeon.

Jakson "Thunderfoot" Spires fundou o grupo ao lado de Rick Medlocke em 1972 e foi co-autor de vários clássicos do grupo como "Highway Song", "Fly Away", "Diary Of A Workingman", "Left Turn On A Red Light" e muitas outras. Dentre a discografia do Blackfoot o destaque sempre foi a trilogia "animalesca" ou seja: *Strikes* (o da cobra, lançado em 1979), *Tomcattin'* (da pantera, lançado em 1980) e *Marauder* (da águia, lançado em 1981), além do clássico ao vivo citado acima.

Jakson tocava também em alguns projetos interessantes como o Drivin' Sideways, The Conqueroots e a Southern Rock Allstars. Como session-man chegou a gravar com gigantes do Blues como Willie Dixon e Albert King. Curiosamente havia reformulado o Blackfoot ao lado dos membros originais Greg T. Walker (baixo) e Charlie Hargrett (guitarra). O líder e mentor Rick Medlocke não topou a empreitada preferindo segurar sua vaga no Lynyrd Skynyrd.

Dono de um estilo inconfundível, principalmente pelo peso do seu som de bumbo (daí seu apelido "Thunderfoot"), Jakson Spires foi sem dúvida um dos grandes nomes da bateria "Southern" ao lado de Butch Trucks, Artymus Pyle e Paul T. Riddle. Seu visual "índio", com tranças e tudo mais, também marcou muito o visual do Blackfoot, grupo que sempre enalteceu a tradição indígena de seus integrantes.

Causa da morte: Jakson morreu aos 53 anos, em sua casa na Flórida, decorrência de um aneurisma cerebral (Fly Away my friend...).



Jim Capaldi

(Traffic) *02/08/1944 - 28/01/2005*

Jim Capaldi começou cedo no mundo da música. Aos 14 anos de idade já tocava com a banda The Hellions, que pouco tempo depois estava já gravando alguns compactos pelo selo Pye. Ao conhecer Dave Mason formou o grupo Deep Feeling, que contava também com Poli Palmer (um dos fundadores do Family).

Com Steve Winwood, Chris Wood e Dave Mason fundou o Traffic em 1966, uma das grandes bandas inglesas dos anos 60. Dentre muitos álbuns de excelente nível musical, os evidentes destaques são a estréia com *Dear Mr. Fantasy*, o auto intitulado álbum de 1968, *John Barleycorn Must Die*, o *The Low Spark of High Heeled Boys*.

Em 1972 se aventurou numa carreira solo que durou até sua morte. Seu primeiro LP, *Oh How We Danced*, foi gravado no lendário estúdio Muscle Shoals no Alabama e trazia toda aquela sonoridade característica e o bom gosto de Jimmy Johnson, Roger Hawkins e David Hood. Além disso o álbum ainda contava com a participação de todos integrantes do Traffic e do soberbo guitarrista do Free, Paul Kossoff (Deu pra perceber que eu adoro esse cara não é?).

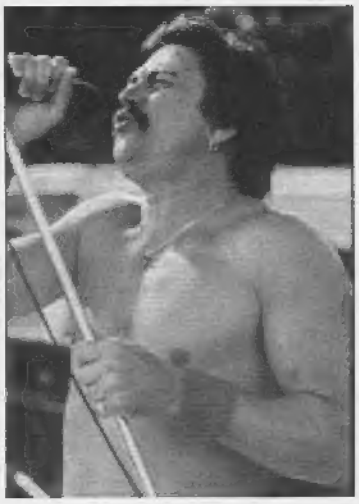
Baterista, percussionista e compositor, Capaldi, descendente de italianos, visitou o Brasil pela primeira vez no final de 1974 ao lado de Chris Blackwell (produtor e um dos chefões da Island). Se apaixonou pelo país desde então e comprou uma propriedade no Rio, casando-se com uma carioca, a famosa Aninha Capaldi. Muitos astros do Rock inglês vinham passar férias na sua casa como Simon Kirke, Peter Frampton, Chris Wood, Leon Russel e outros. Nos anos 80 gravou uma canção chamada "Favela Music", baseada na cidade do Rio de Janeiro.

Verdadeiro amante da música e do futebol brasileiro, Capaldi voltou a aparecer na mídia com uma versão de "Ana Júlia", de autoria do grupo Los Hermanos. A faixa foi extraída de seu último registro, *Living On The Outside*, que contou com a participação de George Harrison (sua última gravação em estúdio), Ian Paice, Paul Weller, Steve Winwood, Gary Moore e Jon Lord entre outros.

Causa da morte: Jim Capaldi lutou por seis meses com um terrível câncer que se espalhou pelo seu corpo e finalmente venceu o músico em janeiro desse ano.

Danny Joe Brown

(Molly Hatchet) *24/08/1951-10/03/2005*



O Molly Hatchet foi mais um combo sulista surgido em Jacksonville, Flórida, assim como o Lynyrd Skynyrd e o Blackfoot.

Apesar das capas da banda deixarem o pessoal do Manowar com água na boca, o som era o bom e velho boogie sulista com muitas guitarras, cortesia do trio: David Hlubek, Steve Holland e Duane Roland.

Danny fundou o grupo em 1974 e desde cedo teve uma saúde debilitada. Foi diagnosticado com diabete aos 19 anos enquanto servia a guarda costeira.

O difícil convívio com a doença aliado à exaustão da rotina estradeira do grupo forçaram Danny a abandonar seus comparsas em 1980, após dois álbuns bem sucedidos pela Epic/Sony: *Molly Hatchet* e *Flirtin' With Disaster*.

Danny não tinha uma grande voz, então resolveu apostar mais num estilo próprio, buscando um timbre que os fãs pudessem rapidamente associar ao som da banda. O resultado foi uma voz baixa; arrastada e nem um pouco polida, algo semelhante a um Ronnie Van Zant mais "cansado".

Em 1981 lançou um disco solo com sua Danny Joe Brown Band, contando também com três guitarristas e que só agora teve seu relançamento em CD pela Wounded Bird Records. No ano seguinte voltou para o seio materno do Hatchet e soltou com eles o álbum *No Guts...No Glory*, clássico que trazia entre outras pérolas a música "Fall Of The Peacemakers", um hino do rock sulista inspirado no Greenpeace. Depois de mais um disco de estúdio (*The Deed is Done*) e de um duplo ao vivo (*Double Trouble Live*) a banda interrompeu suas atividade até 1989, quando voltou à ativa e lançou um disco comercial demais (*Lightning Strikes Twice*), encerrando as atividades novamente.

Voltaram com força total na década seguinte, soltando discos que pelo menos vêm agradando aos fiéis seguidores do seu som.

Danny vinha tendo muitos problemas de saúde através dos anos, sendo o mais grave deles um derrame cerebral sofrido em 1998 que o forçou a abandonar os palcos e a vida artística.

Causa da morte: Morreu aos 53 anos de idade em sua casa, na Flórida, de complicações renais.

MAFER Records

dansilmafer@uol.com.br

Compra, Venda e Troca de LPs e CDs
Rock - MPB - Bossa - Jazz - Psych

Tel:(11) 3159-3527

Galeria Nova Barão - Rua 7 de Abril, 154
(Rua Alta, loja 28) - CEP: 01044-000 - São Paulo/SP

Barraca do Diaz LP's

Raridades do mundo da música

Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.

Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Banana Progressiva

Os 30 anos da criação do evento que marcou a cena roqueira do Brasil dos anos 70

Na última edição da poeira Zine fizemos um especial sobre a primeira edição do festival Hollywood Rock que trouxe muitos elogios calorosos por parte dos leitores. Aproveitando o embalo, não poderíamos deixar passar em branco outro grande acontecimento daquela época - o famoso festival Banana Progressiva. Realizado do teatro da Fundação Getúltio Vargas, em São Paulo, a idéia dos organizadores era estreitar o eixo Rio - São Paulo, colocando bandas das duas cidades para dividir o mesmo palco.

Engraçado como a memória musical de nosso país é completamente nula. Para levantar material relacionado ao festival o mais natural foi tentar garimpar algo na própria fundação Getúlio Vargas. Imaginei então encontrar recortes da época, fotos, ou mesmo topar com alguém que tenha estado presente e que ainda trabalhe no local (lógico que se tratando de "apenas" 30 anos de idade isso seria quase um milagre).

Uma amiga do ramo jornalístico tratou de me alertar: "Bento, desencana de ir à GV pois eles vão te barrar na porta e não vão nem deixar você entrar..." Até aí normal, o que fiz foi descolar um fone e ligar apresentando minha idéia somada ao meu intuito desbravador de tentar trazer à tona um pouco de cultura musical do passado.

Fui cair numa tal de assessora de imprensa da GV que nem sequer tinha idéia de que naquele teatro da fundação havia rolado um mega evento como a Banana Progressiva. Ela ficou pasma e quando falei que o festival chamava "Banana Progressiva" ela caiu na gargalhada. Expliquei tudo nos mínimos detalhes e a simpática garota ficou de "pesquisar" tudo relacionado ao evento e me retornar...

Como esse retorno nunca pintou voltei a fazer novo contato e depois de muitas "reuniões", "coletivas" e desculpas do tipo, uma outra "assessora" me atendeu e mais uma vez precisei explicar tudo de novo. E mais uma vez deram risada da minha cara, agora por causa do nome do meu veículo: "poeira"...Será que ela pensou que eu era de algum fã clube da Ivete Sangalo? Ou que eu estava querendo passar droga dentro da fundação?...Vai saber...

Sem esquentar muito a cuca ("senão as caspas viram mandiopam" – como se dizia na época) passei a caçar informações direto nos acervos de revistas e jornais, colher depoimentos de músicos envolvidos no evento ou mesmo de alguém que estava curtindo a sonzeira na platéia. Foi cansativo mas está aí para ser apreciado, guardado e consultado...

Naquele ano de 1975, o Rock parecia ter se tornado algo realmente grande no Brasil. Com a vinda de Alice Cooper no ano anterior e com o sucesso do Secos & Molhados dois anos antes, as gravadoras passaram a apostar no estilo, fazendo até com que alguns empresários gringos viessem sedentos estudar as possibilidades de grandes shows aqui na terra do Zé Carioca... Parecia mesmo que as coisas começariam a decolar.

Até nossos festivais ao ar livre começaram a rolar em janeiro daquele ano de 1975, com as primeiras edições do Festival de Águas Claras e do Hollywood Rock, ambos trazendo em seu cast apenas conjuntos nacionais, os maiores e mais prestigiados do período. Outro evento interessante foi o I Festival Rock de Verão, realizado ao ar livre na Praia do Leste, junto ao Santa Mônica Clube de Praia, em Curitiba. Lá pintaram a Rita Lee com o seu Tutti Frutti, O Terço, Som Nosso, Almôndegas, Bixo da Seda, O Pedal, Khaos e o Movimento Parado.

Em São Paulo, já rolavam os festivais do Parque do Ibirapuera e do Parque da Aclimação. Nos teatros fechados os points eram as temporadas ou pequenos festivais realizados no 13 de Maio, Teatro Bandeirantes, Tuca e Aquarius.

Tudo ia muito bem e, em março de 1975, uma espécie de versão paulista do Hollywood Rock seria realizada no autódromo de Interlagos. Quem lembra muito bem da ocasião é um dos astros convidados para o evento, Erasmo Carlos: *"Depois do Festival no Rio, a gente ia fazer o festival em São Paulo. Ia ser um showzão em Interlagos. Eu já estava na cidade, no hotel, mas aí a polícia descobriu um cara com um monte de ácidos. E a polícia foi, pega daqui, pega dali, o cara falou que ia vender no festival os tais ácidos. Qualquer coisinha era motivo para a repressão cair de pau, né? Aí, resultado: a Souza Cruz achou que tinha sujado, retirou o patrocínio, foi cancelado o festival e toda uma tumê que nós íamos fazer."* Relata o tremendão numa declaração em seu site oficial.

Outro Festival que era pra ter rolado em Interlagos com as grandes bandas de Rock da época era o Festival Hallelujah, patrocinado pela extinta TV TUPI. Dessa vez quem apertou o cerco foi o secretário da segurança pública da cidade na época, o Sr. Erasmo Dias, que alegou "falta de documentação" e declarou ainda que queria "evitar os acontecimentos de Iacanga" se referindo ao festival de Águas Claras.

Como tentar organizar algo grandioso ao ar livre estava dando cada vez mais dor de cabeça, o jeito foi organizar os festivais nos teatros, onde na calada da madruga tudo podia rolar à vontade...

Quem primeiro sacou isso foi o pessoal da Trinka, empresa que organizava shows e eventos, dirigida por Fernando Tibiriçá. Em dezembro de 1974, a rapaziada organizou um evento batizado de "Coqueluche" no Teatro Aquarius, em São Paulo, onde shows de música se misturavam com exposições de artes plásticas e fotos, documentários, etc. Um avanço tanto no setor "áudio" como também no "visual".

Empolgados com o resultado na platéia, porém desanimados com o resultado no "bolso", a Trinka passou a sondar os grandes nomes do cenário e a confabular um outro festival nos moldes do "Coqueluche", só que muito mais ousado, inclusive no nome: Banana Progressiva. Eis que apenas cinco meses depois, 17 dos melhores conjuntos de Rock do país estavam escalados para o Festival.

apostando forte na nossa música e na nossa arte

Nos quatro dias de festival, a partir das 19:00 hs a galera poderia conferir exposições de fotos, pinturas, cinema e artes plásticas. Curtas metragens eram apresentados antes e após os shows das bandas. Entre muitos artistas presentes podemos destacar o cineasta Salo Felzen e os fotógrafos Richard Kohout, Júlio César, Thomas Mendonza e Roberto Amitrano. Nas artes plásticas estavam presentes Luis Kawal, Rodolfo Peshke, Guilherme Gibbons, Michel Goldman, Hugo Citti de Lauro, Toninho Gonçalves, George Thomas Paiva Ribeiro, Eduardo Iglesias e Amadeo.

Fernando Tibiriçá, da Trinka, queria colocar os jovens em contato com todo tipo de arte. Na parte musical, o lance era impor a força e o talento de nossos grupos locais. A música brasileira tinha que ter sua vez algum dia e com a Banana Progressiva essa oportunidade ficava ainda mais evidente.

No primeiro dia de Festival, uma quinta-feira, duas bandas de São Paulo e duas do Rio de Janeiro estavam no cast. De Sampa o Bandolim e o Som Nosso de Cada Dia. Da cidade maravilhosa, o Veludo e o 4º Crescente.

O Som Nosso de Cada Dia vinha com uma nova formação já sem Manito e também sem Liminha, mas contando com o guitarrista Egídio Conde, egresso do Moto Perpétuo e Tuca Camargo (ex-Apokalypsis) nos teclados, além, é lógico, das presenças de Pedrinho Batera e Pedrão Baldanza.

Já a apresentação do Veludo era aguardada ansiosamente pelos rockers paulistanos. O grupo apostou pesado na divulgação e bancou sozinho um anúncio no jornal Folha de São Paulo avisando que estariam na Banana Progressiva. Nelsinho, Elias, Arístides e Paul De Castro fizeram um dos melhores shows da Banana logo na estréia, tanto que a apresentação do grupo acabou virando um disco ao vivo lançado no ano passado.

Na segunda noite, o grupo Montanhas, Edson Machado & A Rapaziada, Vímana e o Burmah fizeram a festa da galera.

Os Shows da Banana na GV

29/05/1975 - (quinta-feira)
Som Nosso de Cada Dia
Veludo
Bandolim
4º Crescente

30/05/1975 - (sexta-feira)
Vímana
Burmah
Edson Machado & A Rapaziada
Montanhas

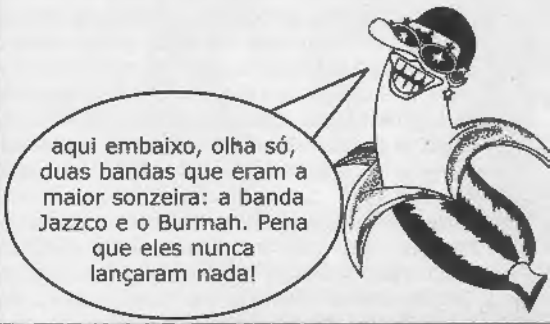
31/05/1975 - (sábado)
Erasmo Carlos &
CIA. Paulista de Rock
Manito
Bolha
Biscoito Celeste

01/06/1975 - (domingo)
Hermeto Pascoal
Terreno Baldio
Jazzco
A Barca Do Sol

O Vímana fez um de seus últimos shows com o batera Candinho (ex-Módulo 1000). O cara estava mais para a seita do guru Maharaji do que para os ensaios e as pressões da estrada.

Já o Burmah era considerada a única atração internacional do evento e também uma das principais bandas da época. O Burmah era formado por três argentinos: Javier (teclados), Eduardo (guitarra), Piojo (bateria) e um único brasileiro, Norton Lagoa (contra-baixo). Norton passou três anos na Inglaterra transando com o Rock inglês; viu shows do Led Zeppelin, Pink Floyd, Humble Pie e muitos outros. Numa viagem anterior à Alemanha, chegou a trombar com Jimi Hendrix numa loja de discos. Na volta ao Brasil, de navio, Norton conheceu três músicos argentinos e formou o Burmah, que se fixou em Buenos Aires. Depois de muitos ensaios a banda veio para um sítio em Juquitiba, interior de São Paulo e caprichou no repertório. Ninguém melhor do que o próprio Norton para definir a sonoridade da banda: *"Nós tínhamos muita influência do Blues e do Rock mais básico, bem raiz. Mas na época o Rock Progressivo estava muito forte, então nossa música possuía passagens instrumentais mais ousadas e fortes, sempre com destaque para os solos de guitarra. Nosso som era muito forte!"*. Não deu outra, a banda caiu no gosto de Carlinhos Gouvêa, colunista musical da Folha de São Paulo e passou a dominar o circuito paulistano e carioca naquele período.

Lamento com Norton o fato de não existir nada lançado de sua banda e ele abre o jogo de forma quase que confidencial: *"Chegamos a registrar algumas faixas no estúdio Vice-Versa, de propriedade do Rogério Duprat. Gravamos umas três faixas, e fiquei muito tempo com a fita original mais acabei mandando para o pessoal lá na Argentina e nunca mais a vi. Eu possuía também material ao vivo do Burmah registrado no Teatro 13 de maio, porém essa fita acabou sendo roubada junto com um carro meu. Na época tentamos lançar um disco mas não rolou..."*



Na noite do sábado os destaques foram o Biscoito Celeste, a Bolha, Manito e Erasmo Carlos e sua CIA. Paulista de Rock. Falando em Erasmo, a CIA. Paulista de Rock era uma verdadeira seleção de músicos que custou a ser reunida como o próprio Erasmo recorda: *"Bom, em 1975, eu estava tocando com dois cariocas, o Rubão Sabino (baixo) e o Ion Muniz (sax). Fomos a São Paulo, falei com o Liminha e com o Dinho, que já estava desistindo de tocar, querendo trabalhar com publicidade. Aí eles chamaram um tecladista, o Sérgio, que na verdade era baixista. O Liminha estava cansado de fazer rock progressivo. Não agüentava mais, ele me falou assim mesmo: "Não agüento mais tocar Yes, quero uma coisa mais alegre, pra brincar, pra gente se divertir no palco". E eu, que andava sofrendo para caramba com a onda do rock progressivo - todo mundo querendo tocar complicado, com mil convenções... os músicos tinham vergonha de tocar rock'n'roll! Eu não achava músico para tocar comigo. Aí foi ótimo. A banda não teve muito tempo de duração, mas fizemos shows memoráveis como esse da Banana Progressiva."*

No dia do encerramento, um domingo, tocaram Hermeto Pascoal, A Barca Do Sol (considerada a melhor banda da Banana pelo crítico da Folha, Carlinhos Gouvêa), Jazzco e o Terreno Baldio. Hermeto fez, como sempre, um show totalmente improvisado e arrasou, deixando todos boquiabertos com a sua genialidade sem limites.

O Jazzco é outra grande banda da época que não deixou nada gravado oficialmente. Sua formação contava com um naipe de metais e muita garra. O Jazzco era formado por Amador Bueno (guitarra e vocais), Napoleão (percussão e vocal), Paulo Assis (baixo), Satã (sax), Moreirinha (trombone) e Tequila (bateria). O som da banda, alegre,balançado, quente e brasileiro animou a galera presente. O som dos caras era muito bem ensaiado e os rapazes sofreram algumas críticas na época por parecerem demais com uma banda em estúdio, o pessoal acusava o Jazzco de parecer um "disco tocando". Um dos seus hits era a música "Macaco Pelado", que fez todo mundo levantar e dançar.

Num papo informal com Amador Bueno, comento o fato do Jazzco não ter um registro em vinil desse período e Amador abre o jogo: *"O Jazzco nunca lançou nada porque nos anos 70 eu nunca achei nenhum material a altura da banda para lançar. Só nos anos 80 que o equipamento e os estúdios melhoraram, mas o problema é que nessa época nós não tínhamos grana para bancar um estúdio decente..."*

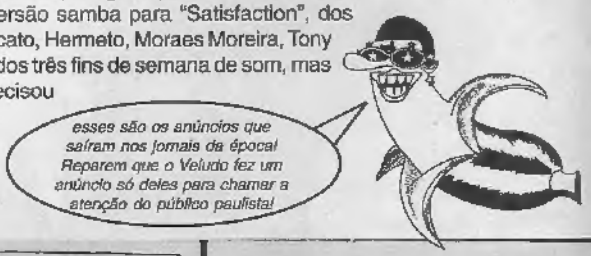
Depois do Jazzco veio o Terreno Baldio, que nessa época ainda não possuia nenhum disco lançado mas já impressionava e era bem conhecido do público roqueiro com sua exímia formação: João "Fusa" Kurk (vocais), Roberto Lazzarini (teclados), Mozart Mello (guitarra e vocais), João Ascenção (baixo) e Joaquim "Jô" Corrêa (bateria e percussão). Naqueles tempos, Kurk e Mozart figuravam entre os melhores músicos do ano numa pesquisa feita pela Folha de São Paulo com o público jovem, e a banda apresentava o show Aquelôo, apostando forte nas influências progressivas de bandas como o Gentle Giant, como relembra o próprio Lazzarini: *"Na época chamavam o Terreno de banda de Rock, mas se a gente apresentasse um Rock a la Rolling Stones não pegava. O pessoal queria ouvir uma música mais trabalhada, com climas e passagens mais complexas."*

a banana tinha que continuar

A temporada da Banana Progressiva na GV foi um sucesso em termos de bilheteria deixando o pessoal da Trinka animadíssimo em continuar com a idéia, apesar das críticas pesadas nos jornais, dizendo que os grupos eram meras "cópias subdesenvolvidas de EL&P e Yes", afirmando que no Brasil não se fazia Rock.

Muitas outras temporadas da "Banana Progressiva" rolaram em diversos teatros da cidade como uma no Opus 2004 com o Apokalypsis (banda do grande Zé Brasil, apadrinhada pela Trinka), Tony Osanah (ex-Beat Boys), São Paulo Dixieland Band, Brasilian Stompers e o grupo Sindicato do ator/cantor Ricardo Petraglia, que fazia uma versão hilária e tupiniquim para Johhny B. Good, além de levar tudo na esportiva com passagens lembrando um Doors mais descompromissado.

Outra temporada da Banana foi realizada no Teatro Bandeirantes, nos dois primeiros fins de semana de novembro de 1975, contando com o Bixo da Seda (fazendo dois concertos sensacionais e com um pique alucinante), Fagner (com um show de apenas meia hora), Gilberto Gil (apresentando uma versão samba para "Satisfaction", dos Stones), Made In Brazil, Platô, Sindicato, Hermeto, Moraes Moreira, Tony Osanah e Veludo. Foram programados três fins de semana de som, mas por motivos financeiros o último precisou ser cancelado às pressas. Parece que o pessoal da Trinka havia ficado no prejuízo dessa vez e resolveu tirar o time de campo imediatamente.



VELUDO
ESTÁ NA
BANANA PROGRESSIVA
HOJE

THE LEFT BANKE

Walk Away Renne – maio de 1967
Pretty Ballerina – julho de 1967

Para quem curte Beatles, Beach Boys, Zombies e toda aquela genial "pompa" que essa turma ostentava, o Left Banke não deixa de ser uma preciosidade.

Trazendo todo um aparato recheado de influências e arranjos quase eruditos, melodias belíssimas e uma perfeita união do Rock com música Barroca. Era justamente isso que esse pessoal de Nova York oferecia. Uma prova de como os tempos eram mesmo outros, todo esse refinamento fazia sucesso e a maioria das pessoas consumia música de qualidade, o inverso dos dias atuais.

O líder/compositor indiscutível do Left Banke era o tecladista Michael Brown, um jovem músico super-dotado. O talento do garoto era tamanho que impressionou toda a família. O pai de Brown, o violinista Harry Lookofsky, resolveu produzir e empresariar os garotos deixando todos no "ponto" para que uma grande gravadora os lançasse.

Após alguns compactos e uma boa dose de frustração, Brown resolve se mandar para a Califórnia e dar um tempo, mas deixa uma música que tinha composto aos 16 anos de idade com seu pai. Na ausência de Brown o jeito foi gravar todas as vocalizações no estúdio e lançar tudo do jeito que estava. "Walk Away Renee" saiu e emplacou direto nas paradas naquele ano de 1967. Brown era completamente apaixonado pela namorada de seu companheiro de banda, o baixista Tom Finn. A tal "Renne" estava presente no estúdio quando Brown tentava gravar sua parte no "harpsichord", o que deixou o músico completamente trêmulo de nervosismo.

Empolgados com o sucesso do compacto resolvem se reunir novamente para compor novos temas e se possível cair na estrada.

Outro sucesso foi "Pretty Ballerina", faixa extraída da estréia dos garotos em vinil, o sabiamente batizado *Walk Away Renee/Pretty Ballerina* de 1967, aula completa de composição, execução e produção para quem quiser aprender. Além de Michael Brown nos teclados, o Left Banke era composto por Rick Brand (G), George Cameron (Bt), Tom Finn (Bx) e o porto-riquenho Steve Martin nos vocais.

A idéia de cair na estrada frustrou todo mundo, pois, assim como os Beatles, era impossível executar toda aquela riqueza criada em estúdio ao vivo, fato esse que frustrou Brown a ponto dele se negar a se apresentar com o resto do grupo. O músico queria somente se dedicar a produção em estúdio (alguém aí pensou em Brian Wilson?)

O jeito foi mesmo se mandar, e assim grande parte do segundo e último disco da banda (*The Left Banke Too*) foi gravado sem ele. Era o fim dessa grande banda que durou pouco mais de três anos. Brown formou o Montage e logo depois o Stories ao lado do vocalista Ian Lloyd (ver matéria na pZ 01). Já o Left Banke voltou novamente a se reunir lançando um álbum que passou completamente batido em 1978. Lógico que Brown não entrou nessa.

SIR DOUGLAS QUINTET

Mendocino – abril de 1969

Sir Douglas era também conhecido por uma série de nomes: Doug Sahm, Wayne Douglas, Doug Saldana, Little Doug e até The Texas Tornado. Na realidade, todos eles remetiam a um cara filho de um pai Alemão e uma mãe norte-americana, nascido em San Antonio, Texas, em 1941.

Começou a se interessar pela música aos oito anos de idade e não parou mais. Quando entrou em contato com os grupos mexicanos que vinham se apresentar em San Antonio, resolveu que queria fazer aquilo dali pra frente.

Com a invasão britânica bombardeando o continente norte-americano, um produtor chamado Huey P. Meaux ficou fascinado com aquela histeria toda e passou a idealizar um grupo que pudesse unir o "Beat" inglês com o "Cajun" norte-americano, dois estilos distintos. Huey já conhecia Doug da cena local e abriu o jogo com o colega, deixando bem clara todas suas intenções. Claro que Doug topou na hora e tratou de escalar alguns amigos de infância para integrar o novo grupo: Augie Meyers no órgão, Jack Barber no baixo, Johnny Perez na bateria e Frank Morin no saxofone. Meaux rebatizou esse time de Sir Douglas Quintet e todos estavam de malas prontas para conquistar o mundo.

Estrearam em compacto pela gravadora Pacemaker (de propriedade de Meaux) com "Sugar Bee", em 1964. Não pegou.

Foram lançando mais disquinhos no mercado: "She Abouts a Mover" e "The Rains Came", hits nos EUA, o que rendeu uma tour do pessoal pela costa oeste, onde tocaram com o Grateful Dead e com Bob Dylan. Injetaram um pouco de psicodelia no seu som depois dessa inesquecível experiência.

Sai um LP reunindo todos esses compactos e as coisas vão melhorando para o grupo até que numa de suas tours pelo país, vacilam e são capturados num aeroporto e presos por estarem portando Marijuana. O visual completamente hippie do pessoal da banda e equipe entregou o jogo...

Depois de algum tempo em cana, Doug resolve acabar com tudo e vai morar em São Francisco. Morin segue o líder e lá montam uma nova versão do Sir Douglas que assina de cara com a Smash (subsidiária da Mercury) e lançam o álbum *Sir Douglas Quintet + 2 Honkey Blues*. Doug ainda convence Meyers e Perez a se mudarem para a capital do flower power e a voltarem para o grupo.

1969 surge com a explosão: "Mendocino". O hit era peça principal de um álbum de mesmo nome, uma canção emocionante, trazendo uma interpretação histórica de Doug e o órgão Vox marcante de Augie Meyers. Sucesso mundial, inclusive no nosso Brasil, onde a cantora Valdirene fez uma versão: "Meu Benzinho".

Sir Douglas Quintet mesclava poesia beat, soul, country e psicodelia; tudo com um autêntico tempero "caliente" do México, o que lhes rendeu o título de criadores do estilo "Tex-Mex". Nesse pique lançaram mais três álbuns até a dissolução da banda, em 1972.

Entre as suas muitas indas e vindas, o grupo jamais conseguiu o feeling de "Mendocino". Doug e Meyers formariam ainda o grupo The Texas Tornados com Freddy Fender e Flaco Jimenez no final dos anos 80.

Em novembro de 1999, Doug Sahm morreu de um ataque cardíaco fulminante. Caipira, rocker ou um chicano metido a galã? Sir Douglas do Texas era tudo isso e mais um pouco.

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

opus discos
Vinil e CD's
Compra, Venda, Troca e Consignação
opus46@bol.com.br
Atendemos todo o Brasil via correio
Pç. Osorio, 333, lj. 46, gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-233-2583

Mountain

Fazia um bom tempo que eu queria estampar o Mountain na capa da poeira Zine e contar um pouco da trajetória dessa grande banda. Quando pintou a oportunidade de entrevistar o guitarrista Leslie West e o batera Corky Laing ficou claro que a capa dessa nova edição seria o Mountain. Nas próximas páginas vocês conferem o papo com essas duas feras, os discos comentados, a tragédia envolvendo Felix Pappalardi e toda a história desse grande grupo.

Nenhum outro local seria mais apropriado para começarmos essa história do que o Greenwich Village, em Nova York. Em 1961, a música Folk passava por um misto de "revival" e "boom", tendo como principais expoentes Dino Valente, Fred Neil e Bob Dylan. Outros nomes da época eram os novatos Tim Hardin e Richie Havens.

Em questão de dois anos muita coisa aconteceu para aquela moçada, as drogas e os protestos jamais deixariam alguém indiferente. Em 1963, pintava John Sebastian e Phil Ochs na cena, assim como os Holy Modal Rounders.

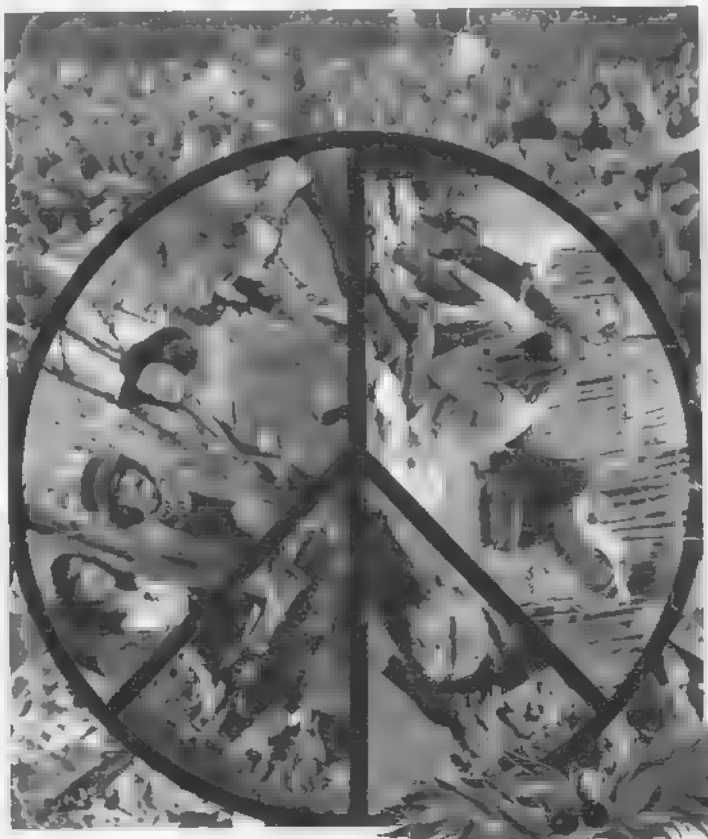
Um cara nascido na barra-pesada do Bronx vinha todos os fins de semana para o Village. Seu nome: Felix Pappalardi

Felix levava em conta a máxima do "ande junto dos bons, pois quem sabe um dia você será um deles". Era natural que no início dos anos 60, uma era pré-beatlemania, os maiores e melhores músicos estavam no Village, e era lá que o músico se sentia em casa. Antes de "cair" no Village, Felix Pappalardi já havia conquistado uma série de diplomas na High School Of Music and Art de Nova York e na Faculdade de Michigan, onde estudou regência, orquestração, teoria musical, trompete e viola. Apesar de ser filho de um médico (que também era músico nas horas vagas) e de contar com cartas de recomendação de músicos e regentes renomados, Felix não conseguia arrumar um trabalho no ramo. Foi, então, trabalhar de policial militar, vendedor de enciclopédias além de outras ocupações.

Cansado e deprimido, resolveu se mudar em definitivo para o Village, onde assistia muitos shows em clubes e bares. Rapidamente já estava tocando ao lado de Tom Rush e Tom Paxton. Com John Sebastian e outros músicos locais descolou uma vaga como session-man na gravadora Elektra, ao mesmo tempo em que acompanhava Fred Neil nos clubes noturnos.

Compositor de mão cheia, sua primeira composição a ser registrada em disco foi pelo grupo The Mugwumps (um dos primeiros conjuntos de folk-elétrico que se tem notícia, contando na sua formação com Mama Cass Elliott, Zal Yanovsky e John Sebastian), com o compacto de *Do You Know What I Mean*. Felix era uma espécie de tutor, ensinando os jovens músicos a compor, arranjar, ensaiar da maneira correta e a praticar vocais de apoio. Cuidava de cerca de 14-novos grupos por semana, e, como o próprio músico confessaria mais tarde, que aquele havia sido o período mais didático de sua vida, a época em que ele mais aprendeu novas técnicas de estúdio e de produção.

Rolava o ano de 1964 com Felix sendo contratado como artista solo da Columbia, lançando em seguida o compacto *Love Sunday*, um fracasso absoluto. Os executivos da gravadora faziam questão de que Felix usasse o nome artístico de Billy Gleam, fato que ia deixando o músico cada vez mais irritado. O bom dessa história toda foi que Felix ficou tão impressionado com a incompetência do produtor escalado para produzir seu compacto que passou a se auto produzir a partir daquele instante. O feeling e o conhecimento técnico de Felix Pappalardi dentro de um estúdio eram realmente surpreendentes.



Da garagem para o estrelato

Nessa época, em pleno auge da Beatlemania e com a invasão britânica colocando "a grande maçã" de pernas para o ar, seria natural um show dos Beatles mudar a vida de um jovem e avantajado garoto.

Esse garoto era Leslie Weinstein, nascido em 22 de outubro de 1945, em Forest Hills, Nova York, que muito cedo decidiu largar a escola para se dedicar totalmente à sua guitarra. Ele estava presente no show que os Beatles deram no Tennis Stadium de Forest Hills e desde aquele dia sua vida jamais foi a mesma.

Imediatamente formou um grupo com seu irmão, Larry West, que era baixista. A banda foi batizada como The Vagrants e além dos irmãos West contava também com Jerry Storch, Peter Sabatino e Roger Mansour. (nota: Larry West, o irmão de Leslie, montaria mais tarde um grupo só seu, o Haystack Balboa, ótima pedida para quem curte Hard dos anos 70).

O Vagrants devastava todas a garagens de Nova York, até que descolam um contrato e lançam alguns compactos obtendo apenas um reconhecimento local, eram eles: *A Sunny Summer Rain*, *Beside The Sea*, *I Love Love You* e *Respect*, original de Otis Redding, que passou batida perante o sucesso da versão de Aretha Franklin para o mesmo tema. Tudo mudou quando a Atlantic resolveu adotá-los, escalando o renomado produtor Felix Pappalardi para dar um "jeito" naqueles moleques. A convivência com o já experiente produtor causou mudanças drásticas na vida daqueles garotos. Leslie West passou a praticar guitarra seis horas por dia, sete dias por semana, temendo represálias por parte do produtor.

Entre os anos de 1965 e 1966, Felix vinha excursionando, compondo, produzindo e arranjando uma série de grupos da costa leste norte-americana, sendo mais notáveis seus trabalhos ao lado da banda "The Devil's Anvil" (que contava com Steve Knight, futuro companheiro de Pappalardi no Mountain), The Youngbloods e a dupla Ian & Silvia. Quando pintou o convite para produzir o The Vagrants, Pappalardi não fazia idéia que o som da guitarra daquele gordinho mudaria sua vida para sempre

Cream e carreira solo de Leslie West

A fama de Pappalardi já chegava ao outro lado do Atlântico, prova maior disso foi o convite feito pelo super grupo Cream. Na verdade o trio inglês que exigiu diante de sua gravadora a presença de Pappalardi como produtor no seu próximo disco, que saiu em novembro de 1967 com o nome de *Disraeli Gears*.

Clássico imprescindível do Rock, o segundo álbum do Cream começava com uma composição de Pappalardi junto de sua esposa Gail Collins e Eric Clapton – "Strange Brew".

Muito mais do que um produtor, Pappalardi funcionava como um quarto membro do Cream, opinando em tudo não só no que dizia respeito à música mas também quanto aos detalhes das roupas dos rapazes, capa do disco etc. Essa sempre foi uma característica do produtor. Ele se entregava, se envolvia por completo com as bandas que trabalhava. Não se limitava a apenas produzi-las, gostava de se sentir como um membro do grupo.

A fórmula foi tão bem sucedida que Pappalardi ainda ficaria para trabalhar com o Cream nos discos *Wheels Of Fire* e *Goodbye*, não só produzindo como também dando uma força nas composições e tocando baixo, piano, viola, mellotron e trompete.

Com o fim prematuro do Cream, em novembro de 1968, Pappalardi voltou para a América e logo recebeu uma ligação de West convocando-o para produzir mais um compacto de seu novo grupo, já que os Vagrants também tinham se dissolvido recentemente.

Mais exigente e louco para apadrinhar um grupo nos moldes do Cream, Felix foi conferir um ensaio dos rapazes e disse para West que o baixista daquele grupo era muito fraco, se oferecendo imediatamente para o posto. Nascia ali uma das duplas mais explosivas do Rock.

Ficou acertado que West se lançaria numa carreira-solo totalmente apadrinhada por Pappalardi, que fazia declarações inusitadas na imprensa, elegendo West como o melhor guitarrista com quem já havia trabalhado (lembrando que ele já havia trabalhado por mais de um ano com Clapton na Inglaterra). O "maestro" Pappalardi (o batera Corky Laing o chama de maestro até hoje!) funda nessa época a Windfall Records ao lado de seu amigo Bud Praeger. A empresa trabalharia como uma subsidiária da Columbia e o disco solo de West seria o primeiro lançamento do selo.

Pappalardi queria ter tudo sob seu controle, desde o selo, produção, artista, a banda, as composições e o management.

Pappalardi, West e o batera N.D. Smart II gravam em 1969 a estreia do guitarrista, batizada de *Leslie West Mountain*, um apelido "carinhoso" de West dado pelo seu produtor. Peso puro misturado com baladas de influência psicodélica e folk, resquícios da década que se encerrava mesclados com as novidades da que estava por vir.

Pappalardi, completamente envolvido, resolve cair na estrada com o grupo a convite do próprio Leslie West.

Escalando a montanha

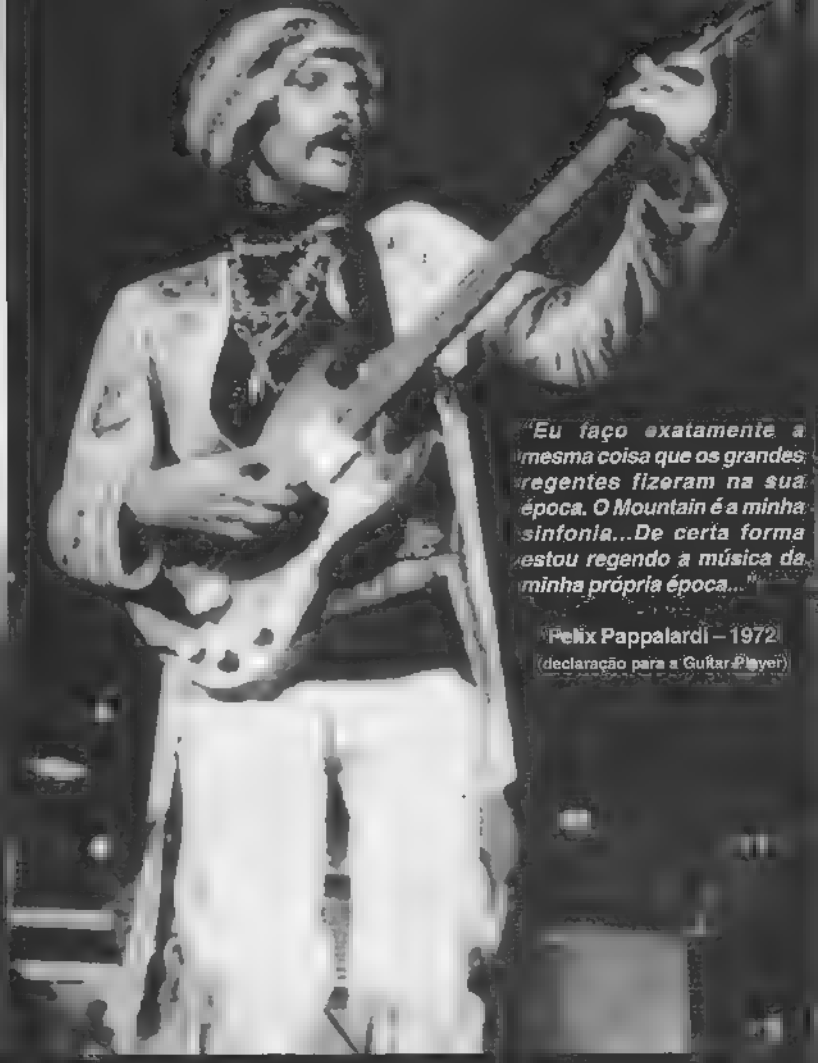
Logo após o lançamento de *Leslie West Mountain*, o grupo passou a excursionar com Steve Knight nos teclados. Estrearam de cara no Fillmore West de São Francisco, em julho de 1969. Logo após mais dois concorridíssimos concertos no Winterland Ballroom e no Whiskey A Go Go a nova cria de Pappalardi já era recebida como um super-grupo pelo pessoal mais antenado com o Rock pesado, tendo Leslie West como o novo guitar hero, absoluto.

O batismo de fogo veio logo no quarto show dos rapazes, realizado em agosto, no festival de Woodstock, perante uma platéia de cerca de 500.000 pessoas. O grupo foi escalado para o festival porque eram empresariados por Ron Terry, que também trabalhava com Jimi Hendrix.

No show de Woodstock ficou claro que o batera N.D. Smart II não segurava a onda. O mais prático foi convocar o baterista canadense Corky Laing que era roadie do próprio Smart. O baterista estava praticamente em casa já que seu antigo grupo, o Energy, tinha sido produzido por Gail Collins, esposa de Felix. Quando não estava na estrada, o quarteto passava todo o seu tempo praticando, ensaiando e compondo. A idéia original era o Mountain ser um power trio, uma versão americana do Cream, que naturalmente substituiria o trio inglês na sua ausência dos palcos e dos discos.

Pappalardi se assustava com o fantasma do Cream como West confessa:

"Para mim o tecladista Steve Knight sempre foi um estranho no Mountain. Steve era baixista, porém Felix insistiu para que ele tocasse teclados com a gente! Ele estava conosco simplesmente porque o Felix não queria que ficássemos soando demasiadamente semelhante ao Cream"



"Eu faço exatamente a mesma coisa que os grandes regentes fizeram na sua época. O Mountain é a minha sinfonia...De certa forma estou regendo a música da minha própria época..."

Felix Pappalardi – 1972
(declaração para a Guitar Player)

"Para ir a Woodstock nós alugamos um helicóptero, pois era impossível chegar no local de carro. O trânsito era monstruoso! Eu lembro que o piloto teve que fazer duas viagens para nos levar até lá... ele falou que eu era muito pesado e seria loucura colocar todos nós juntos no aparelho. Chegando lá, lembro perfeitamente do pessoal do Grateful Dead reclamando do som do palco. Lembro também da namorada gostosa da Janis Joplin e do Creedence Clearwater Revival fazendo um show maravilhoso, tocando um hit atrás do outro..."

Leslie West

Rumo ao sucesso

Se for para apontar um ápice na carreira do Mountain, esse ápice foi o álbum *Climbing*, lançado em março de 1970.

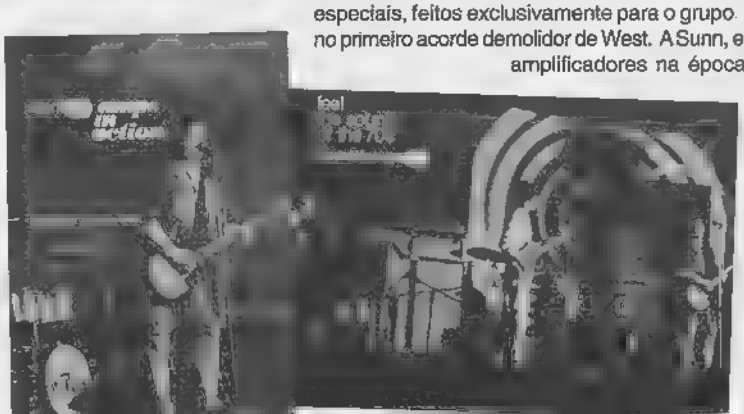
O grupo partia para o estúdio com o tesão redobrado graças à boa repercussão de Woodstock. Agora era pra valer, eram um banda de verdade e não apenas um projeto do guitarrista Leslie West, quem conta é o guitarrista: *"Estávamos começando as gravações do Climbing no Record Plant em NY e Hendrix estava lá fazendo algumas sessões com seu grupo. Ele veio para nossa sala e ouviu "Never In My Life" antes de qualquer outra pessoa. Aquela música o deixou atordoado. Eu me senti honrado ao ver Hendrix ouvindo minha guitarra!"*

Essa proximidade do Mountain com Hendrix gerou até uma inusitada Jam num clube em Manhattan, como conta o próprio Leslie West : *"Eu perguntei se ele queria tocar e ele respondeu que sim, porém estava sem seu equipamento. Pegamos sua limousine e fomos até seu loft buscar seu equipamento. Voltamos para o bar e fizemos a Jam, foi genial! Isso aconteceu umas duas ou três semanas antes da sua morte"*.

"Mississipi Queen" se torna rapidamente um hino pelas rádios norte-americanas, levando a música do grupo para todo o território. "Theme For An Imaginary Western", composição de Jack Bruce e Pete Brown (letrista do Cream) é outro marco na carreira do grupo, simplesmente bela e tocante. Curioso mesmo é a contribuição de Corky Laing no som do Mountain. Além de massacrar a bateria durante o disco todo, várias composições de Laing ao lado de sua antiga banda (Energy) são retrabalhadas pelo Mountain e aparecem em *Climbing* como "For Yasgur's Farm", "Mississippi Queen", "Sitting On A Rainbow" e "Silver Paper." A homenagem a Woodstock, "For Yasgur's Farm", teve apenas sua letra e seu título modificado pois a música era uma antiga composição do Energy. A fazenda de Max Yasgur em Bethel, NY, era agora imortalizada pela letra do Mountain. Destaque total para a interpretação de Pappalardi, dividindo os vocais com West e tocando de forma sublime seu baixo durante o tema.

Com um repertório forte e robusto o Mountain seguiu fazendo shows memoráveis pelo continente norte-americano, sendo muito requisitado nos festivais ao ar livre devido à repercussão do show deles em Woodstock.

Pra segurar o volume do Mountain ao vivo o jeito era descolar amplificadores especiais, feitos exclusivamente para o grupo. Uma caixa tradicional prafaria no primeiro acorde demolidor de West. A Sunn, empresa famosa que fabricava amplificadores na época, topa o desafio e passa a elaborar caixas e cabeçotes especialmente para o Mountain. A relação do grupo com a empresa é tão boa que a Sunn resolve investir forte na publicidade, usando os rapazes do Mountain como garotos-propaganda da marca. Um estouro!



O segundo e inesquecível álbum

O próximo passo depois de tanto prestígio na estrada era entrar em estúdio para lançar mais um disco, que veio em fevereiro de 1971, com o nome de *Nantucket Sleighride*. Mais hits nas rádios e nas paradas como a faixa título, "Don't Look Around" e "The Animal Trainer and The Toad", título baseado numa crítica feita pela revista Rolling Stone onde o texto dizia que o Mountain era composto por nada mais do que um treinador de animais (Pappalardi) e um sapo (West).

A música "Nantucket Sleighride" era na verdade um tema excepcional abordando a história do Nantucket no século XVIII, quando o local era a capital industrial dos derivados das baleias. Dentre os muitos desastres envolvendo barcos e baleias, num deles estava Owen Coffin, a quem a música é dedicada. Aliás, várias faixas de *Nantucket* vinham acompanhadas de emocionadas dedicatórias, o que trouxe um certo clima de melancolia para o álbum. "Travellin In The Dark" é oferecida a E.M P., que na verdade são as iniciais dos nomes da mãe de Felix Pappalardi, falecida dois anos antes da gravação do disco. J.M.H. que aparece em "Tired Angels" é ninguém menos do que James Marshall Hendrix; já o Sammy de "Taunta" era o poodle de Leslie West que também havia morrido recentemente. Destaque total para a colaboração de Gail Collins, responsável pela maravilhosa arte gráfica e pelas letras (no LP original da época o fã ainda ganhava um libreto de 14 páginas com as letras e ilustrações de Gail e mais dois posters da banda).

Mais shows memoráveis como o do Atlanta Pop Festival e a primeira tour pela Europa, resultando em mais comparações com o Cream.

O que até hoje não é muito divulgado pela banda é a histórica participação de Leslie West e Felix Pappalardi em algumas sessões de "aquecimento" para a gravação do disco *Who's Next* do The Who. Mais precisamente em março de 1971, West tocou sua guitarra com o Who na faixa "Baby Don't You Do It", famosa na voz de Marvin Gaye. Pappalardi cuidou da produção da faixa que ficou de fora do disco e só veio aparecer entre as faixas bônus da edição remasterizada em CD de *Who's Next*. (Dica: na edição em CD lançada pela MCA em 1995, a faixa aparece editada, com cerca de cinco minutos de duração. Na Deluxe Edition dupla, lançada em 2003, a faixa aparece com mais de oito minutos de puro êxtase sonoro). West chegou também a tocar numa versão de "Won't Get Fooled Again" que trazia Al Kooper no piano. Essa versão também aparece na Deluxe Edition de *Who's Next*.

Outro boato muito constante envolvendo o Mountain é aquele que afirma que o batera Corky Laing é o responsável pelo "overdub" na bateria da música "I'm Going Home" do Ten Years After. A famosa versão da canção, imortalizada em Woodstock, ficou com um som péssimo na mixagem, então Corky foi convidado por Alvin Lee para gravar em estúdio as partes do batera Rick Lee, que estava adoecido na ocasião.

Flores do mal

Ainda naquele ano de 1971 o Mountain soltaria mais um disco, *Flowers Of Evil*, lançado em dezembro. Um lado do elepê foi gravado em estúdio e o outro registrado numa apresentação insana no Fillmore East. O Mountain foi uma das últimas bandas a tocar no local e essas faixas são exatamente desse show de "fechamento" do Fillmore. O prestígio dos caras no Fillmore era tão grande que chegaram a fazer seis shows numa única semana na casa de Bill Graham.

A versão do grupo para "Roll Over Beethoven", que aparece em *Flowers of Evil*, mereceu um elogio inflamado de um crítico sueco que chegou a afirmar, numa publicação local, que a guitarra de West soava como se três Claptons estivessem tocando ao mesmo tempo!

Pappalardi e West pareciam gêmeos inseparáveis. Ao vivo, bastava um olhar, para saber o que o outro iria responder com seu próprio instrumento.

O volume apresentado pelo grupo é tanto que Pappalardi ficaria praticamente surdo, resolvendo se dedicar somente à produção, forçado a abandonar a estrada. O jeito era dar um break no Mountain e esperar a reabilitação do "maestro" Pappalardi que, para piorar, estava cada vez mais discutindo com os empresários e tour managers, que exigiam mais e mais shows semanais. Estava impraticável continuar no Mountain.

Com o fim do grupo em 1972, sai no mercado um disco inteiro ao vivo, *Mountain Live – The Road Goes Ever On*, contendo apenas quatro faixas, com total destaque para a versão de "Nantucket Sleighride" que ocupava o lado B inteiro do vinil, mostrando todo o improviso e peso da banda ao vivo.

Encerramento das atividades e mais discos de ouro

West e Laing não querem saber de férias, dispensam o tecladista Steve Knight e convocam Jack Bruce (ex-Cream) para integrar o Mountain, substituindo Pappalardi. Bruce topa no ato, mas em respeito ao amigo Pappalardi, sugere a criação de um novo grupo - o West Bruce & Laing.

Em cerca de dois anos lançaram três álbuns, *Why Don'tcha, Whatever Turns You On* e o ao vivo *Live n' Kickin*.

Em 1973, sai um *Best Of* do Mountain que alcança facilmente uma enorme vendagem, conquistando rapidamente mais um disco de ouro para o grupo. Pappalardi resolve aproveitar o burburinho em torno do Mountain e convida West e Laing para voltarem com o grupo, já que coincidentemente o West Bruce & Laing tinha encerrado suas atividades. Se mandam para o Japão, onde são muito bem recebidos por milhares de fãs ardorosos do grupo. Laing estava doente e não pode ir, no seu lugar convocam Allan Schwartzberg. Para os teclados e guitarra de apoio, vem Bob Mann. Fazem dois concorridíssimos concertos no Budokan Hall, em Tóquio, deixando todo mundo maluco. A tour no Japão rende o primeiro registro dessa "volta" do Mountain, *Twin Peaks*, registro do show no Osaka Koseinenkin Hall, dia 30 de agosto de 1973.

Corky Laing assume seu banquinho novamente e David Perry vem para a segunda guitarra. Com esse time lançam *Avalanche*, em julho de 1974, contando com faixas inéditas e versões para "Whole Lotta Shakin' Goin' On" e "Satisfaction".

Mesmo com um bom disco na praça, as ofertas de show vão rareando cada vez mais, sendo que somente os discos mais antigos continuavam a vender. Ninguém estava muito interessado no novo material do grupo. Em 1974 fazem poucos concertos em sua terra natal, com destaque para um no Allen Theater em Ohio e outro no Radio City Music Hall em Nova York.

O segundo e agora verdadeiro final

O Mountain chega ao fim definitivamente naquele ano de 1974. Pappalardi estava mais interessado numa banda que havia aberto os shows do Mountain pelo Japão, o Creation (antigo Blues Creation). Com eles gravaria um álbum de ótima qualidade em 1976.

Enquanto isso, West tocava sua recém formada Leslie West Band ao lado de Corky Laing. Lançaram ótimos álbuns como o *The Great Fatsby*, em abril de 1975, contando com versões lendárias para temas como "A Little Bit Of Love" do Free, "House Of The Rising Sun" (mais famosa com os Animals), "Honky Tonk Women" (com a participação de Mick Jagger) e "If I Were A Carpenter" de Tim Hardin. No ano seguinte saiu *The Leslie West Band*, mantendo o pique do começo ao fim, tendo Mick Jones (ex-Spooky Tooth, futuro líder do Foreigner) como parceiro de West.

Da esquerda para a direita: The Vagrants ao vivo, foto rara do casamento de Felix Pappalardi com Gail Collins contando com Jack Bruce como padrinho, Leslie West com Eddie Van Halen

Nessa época, West se apresenta no famoso programa Don Kirshner's Rock Concert com um super grupo: Mick Jones na guitarra base, Kenny Aaronson (ex-Dust e Stories) no baixo e Carmine Appice (ex-milhares de grupos) na bateria.

Logo após essa apresentação, West mergulharia no período mais negro de sua vida.

Após anos abusando de álcool e drogas pesadas, tudo isso aliado ao seu peso, que aumentava cada vez, o guitarrista foi forçado a praticamente abandonar o mundo da música entre os anos de 1977 e 1984. Apenas aparecia como convidado em uma ou outra ocasião. Discos solo também foram lançados por Corky Laing (ver mais detalhes na entrevista) e por Felix Pappalardi, que soltou *Don't Worry Ma*, em 1979, repleto de influências como Funk, Jazz-Fusion e até Reggae.

A despedida de Pappalardi

Apesar dos tempos difíceis de West, a tragédia maior se abateria sobre a história do Mountain em 1983, quando Gail Collins assassinou Felix Pappalardi com um tiro no pescoço.

O casal vinha discutindo e se desentendendo há um bom tempo, com Gail acusando Felix de "desfilar" em sua frente com suas "amantes". Na verdade, Felix vinha tendo um affair com uma jovem cantora de 27 anos, o que deixou Gail furiosa a ponto de cometer tal atrocidade.

Gail tentou se explicar dizendo que o tiro foi disparado acidentalmente quando Felix estava ensinando a esposa a manusear tal arma, o que não "colou", devido ao fato dela ter negligenciado socorro ao seu marido e chamado a polícia somente algumas horas depois, quando Felix já estava morto.

Gail pegou apenas quatro anos de prisão e depois se mandou para a Califórnia, vivendo praticamente escondida. Boatos recentes, porém não confirmados oficialmente, dão conta de sua morte.

Voltas e mais voltas

Outra volta do Mountain ocorreria em 1985, dessa vez com West, Laing e o baixista inglês Mark Clarke (ex-Tempest e Uriah Heep). Lançaram no mesmo ano o álbum *Go For Your Life* e um clipe hilário-brega para a faixa "Hard Times". Pouco depois o grupo acabou de novo, com West lançando o disco *Theme*, em 1988, tendo Jack Bruce como convidado especial. Assumindo definitivamente a carreira solo, West ainda arranjava tempo para se dedicar a outros projetos como o Night Of The Guitars, que reunia guitarristas do calibre de Steve Howe, Alvin Lee, Randy California e outros. A Tour passou pelo Brasil com o nome de Guitar Heroes, e além de West, pintaram por aqui: Jan Akkerman e Andy Powell e Ted Turner do Wishbone Ash.

Entre muitos discos solos de West, mais uma volta do Mountain em 1994, dessa vez trazendo West, Laing e o lendário baixista Noel Redding (ex-The Jimi Hendrix Experience e Road). Pena que o material inédito dessa formação ficou reduzido a apenas duas faixas inéditas na coletânea *Over The Top*, lançada em 1995.

No ano seguinte, volta a mesma formação de 1985 (com Clarke no baixo), dessa vez lançando um álbum de melhor qualidade – *Man's World*.

Em 2002, o Mountain ressurge mais pesado e moderno com *Mystic Fire*. Richie Scarlet (ex-Ace Frehley Band) veio para o baixo e a nova formação da banda vem dando o que falar em shows como o registrado no DVD *Sea Of Fire*.

A agenda da banda anda transbordando. West acaba de soltar seu novo disco solo, *Got Blooze*, recheado de standarts do Blues como "Baby Please Don't Go", "The Sky Is Crying", "The Thrill Is Gone", "Walk In My Shadow" (mais uma do Free) e "I Can't Quit You Baby". O guitarrista está amparado para essa empreitada com ninguém menos que Aynsley Dunbar na batera e Tim Bogert no baixo.

No verão norte-americano uma tour chamada Hard Rock Crusades traz o Mountain ao lado do Deep Purple, Uriah Heep e Savoy Brown. Um álbum com covers de Bob Dylan está nos planos e estão fazendo também shows-tributo ao Cream em homenagem a volta do trio inglês para os concorridíssimos shows do Royal Albert Hall, que rolaram mês passado. Estão loucos para tocar por aqui, falta só o convite...West falou que para vir ao Brasil com o Mountain ele arruma lugar na agenda rapidinho...

MOUNTAIN JEWELS

Leslie West Mountain (1969)

O primeiro disco solo de Leslie West até hoje é considerado por muitos fãs como o primeiro disco do Mountain. O próprio grupo coloca em seu site oficial esse álbum como sendo seu primeiro registro. Já o conceituado site All Music Guide não considera esse disco na discografia da banda já que o grupo foi batizado de Mountain somente após esse lançamento. Discussões à parte, é impossível começar a comentar a discografia do Mountain e não falar desse álbum.

"Blood Of The Sun", "Dreams Of Milk & Honey" são hinos do Hard pesado, mostrando que a escola do Cream daria muito o que falar na década que estava surgindo. West já se mostrava um fenômeno de timbre inigualável durante todo o álbum. A sutileza e musicalidade de Felix Pappalardi aparece em temas magistrais como "Long Red", "Because You Are My Friend" (essa, na verdade, uma antiga composição acústica de West) e "Storyteller Man" (influência certa para os Faces). "Blind Man" é blues como o Cream fazia, "This Wheel's On Fire" é uma versão atordoada para o clássico de Bob Dylan e Rick Danko, "Look To The Wind" trazia as características orquestrações de Pappalardi e "Southbound Train" é a famosa música que o Mountain imortalizou em Woodstock.

Climbing (1970)

Sem dúvida, nenhum é o melhor disco do Mountain. Agora como uma banda de verdade, o grupo liderado por Leslie West e Felix Pappalardi vinha com um álbum perfeito, trazendo nove canções que se tornaram "cartilha" para quem quisesse se aventurar no Rock pesado dali pra frente. O que dizer de um disco que abre com "Mississipi Queen", um dos clássicos da história do Rock? O mínimo que pode se fazer é o ouvir o disco no volume máximo como recomendava a banda na contracapa do LP: "This Record Was Made To Be Played Loud".

"Theme For An Imaginary Western" recebe uma interpretação emocionada de Pappalardi. A composição de Jack Bruce e Pete Brown se tornou um marco na carreira do grupo, pois era uma espécie de apadrinhamento do Cream, uma carta branca aprovando que o Mountain pudesse beber à vontade nas influências do grupo inglês. Era a retribuição de Bruce e Brown ao amigo Pappalardi que tanto tinha trabalhado pelo Cream. Falando nele, "The Laird" é claramente influência direta do trio inglês.

"Never In My Life" e "Sittin' On A Rainbow" tem riffs cavalares de West dobrados pelo baixo de Pappalardi, o que oferece um peso extra nas composições que já eram fortes por natureza. "Silver Paper" é uma pequena obra prima misturando psicodelia e peso com uma letra totalmente "hipponga". "For Yasgur's Farm" é uma das mais belas homenagens a Woodstock feita por uma banda que lá tocou (Joni Mitchell fez também sua homenagem mas não tocou...). A guitarra de West tem em *Climbing* seu ápice. Um som único, como o da faixa instrumental "To My Friend" e no encerramento com "Boys In The Band".

Nantucket Sleighride (1971)
****1/2

Vindo no mesmo pique de *Climbing*, o Mountain registrou outro clássico do Hard setentista com esse *Nantucket Sleighride*. Gail Collins, esposa de Felix Pappalardi, surge como figura de suma importância para a banda, cuidando de toda a parte gráfica e também das letras. Novamente o Mountain desfila com categoria temas pesados como "Don't Look Around", "You Can't Get Away", "The Animal Trainer And The Toad", "Travellin' In the Dark" e impressiona também nas nuances mais sutis, como em "Tired Angels" (uma homenagem a Hendrix falecido no ano anterior) e "My Lady" (faixa mostrando reminescências do período folk de Pappalardi no Village de NY). Um dos melhores momentos do grupo está na dobradinha "Taunta (Sammy's Tune)" / "Nantucket Sleighride", um épico contando um pouco da história da América que mostra toda a genialidade da dupla Pappalardi e West.

Flowers Of Evil (1971)
****1/2

Álbum que marca a final do período mais criativo da banda em estúdio, mostrando que dali pra frente as apresentações ao vivo seriam prioridade e palco das mais malucas improvisações possíveis.

O lado de estúdio traz temas como o rock empolgante da faixa título, a tristeza e melancolia instrumental de "King's Chorale", a levada irresistivelmente pesada de "Crossroader" e o clima erudito de "Pride and Passion". Na parte ao vivo, o destaque é o "Dream Sequence", um medley de 25 minutos com muitos improvisos e uma versão matadora de "Mississipi Queen". Tudo devidamente registrado no fechamento do lendário Fillmore East.

Live – The Road Goes Ever On (1972) ***

Lançamento postumo, realizado quando a banda encerrou suas atividades pela primeira vez em 1972. Apenas quatro faixas aparecem: "Log Red", "Waiting To Take You Away" (composição inédita da banda), "Crossroader" e uma versão de 17 minutos para "Nantucket Sleighride" que tomava todo o lado B do vinil.

Twin Peaks (1974)
***

Mais um ao vivo, registro que marcou a volta da banda em 1973. A tour japonesa merecia um souvenir à altura da histeria dos fãs locais e então foi lançado esse álbum gravado no Koseinenkin Hall em Osaka. O vinil duplo trazia versões interessantes para clássicos como "Never In My Life – Mississipi Queen", "Silver Paper" e "Theme For An Imaginary Western". Nos improvisos o Mountain se supera e registra uma versão de 32 minutos (!) para a épica "Nantucket Sleighride". No mil a faixa era dividida em duas parte que tomavam os dois lados de um disco. Infelizmente a voz de Felix Pappalardi já não mostrava a mesma garra dos primeiros dias de Mountain, tudo isso somado ainda a ausência significativa de Corky Laing que não pode fazer essa tour pelo Japão devido a problemas de saúde.

conversando com Leslie West

poeira Zine – *"Mississipi Queen" foi um hit mundial, sendo que nos EUA ela emplacou até nas rádios AM, o que a tornou ainda mais popular Recentemente Ozzy regravou a música contando com você na guitarra e ela emplacou novamente...Quando compôs "Mississipi Queen" você imaginava que teria que tocá-la pelo resto da vida e que ela se tornaria um dos hinos do Rock n' Roll?*

Leslie West – Eu não imaginava que essa música fosse fazer tanto sucesso. Eu sabia que ela era uma grande canção, mas nunca pensei que ela chegasse a tanto.

pZ - *O Mountain sempre esteve ligado aos grandes nomes do Rock mundial. Com mais de 35 anos de estrada, a banda continua na ativa, homenageando grandes nomes do Rock com os shows-tributo ao Cream e o álbum com canções de Dylan. Fale um pouco mais sobre essas homenagens...*

LW - O Cream é a razão para eu tocar do jeito que eu toco. .Eles mudaram a minha vida! Na minha opinião eles são a única banda que ainda permanece viva e que pode fazer um show como faziam nos bons tempos . É por isso que fizemos esse tributo ao Cream. Já quanto ao Bob Dylan, eu nunca fui um fã de sua voz, mas quanto às suas canções, meu Deus! Que perfeição!

pZ - *Recentemente a Sony relançou os álbuns Climbing, Nantucket Sleighride e Best Of Mountain no formato remaster, com atraentes faixas extras e um encarte caprichado. Existe a possibilidade dos demais álbuns da banda serem lançados também nesse formato? E quanto aos seus maravilhosos dois primeiros registros, The Great Fatsby e The Leslie West Band, por que eles nunca foram lançados em edições decentes como essas da Sony?*

LW – Talvez unicamente pelo fato desses meus álbuns não serem tão populares como o *Climbing* o *Nantucket* e a coletânea . De qualquer forma, já foi lançado um CD contendo o *The Great Fatsby* e o *The Leslie West Band* juntos. .

pZ - *O show de Woodstock ficou famoso por ser a quarta apresentação do Mountain. Quais são as lembranças daquela apresentação e como foi fazer uma Jam com Hendrix posteriormente?*

LW – Eu fiz uma Jam com Hendrix apenas alguns meses depois de Woodstock... Nessa época os nossos agentes eram os mesmos, então o mesmo agente que colocou Hendrix no festival colocou a gente também...Eu fiquei muito nervoso quando olhei do helicóptero e vi toda aquela multidão...

pZ - *Aquele período que você ficou afastado do showbusiness (1977-1984) foi o mais difícil de todos?*

LW – Sem dúvida Eu estava me reabilitando e não queria saber de tocar guitarra.. Foi um período muito difícil para mim. .

pZ - *Sua única passagem pelo Brasil foi no show Guitar Heroes (uma versão nacional do Night of the Guitars) ao lado de Jan Akkerman, Andy Powell e Ted Turner. O que você lembra daqueles shows por aqui? Dizem até que um famoso guitarrista brasileiro (Luiz Carlini) ficou te perseguindo no hotel e você se assustou com o "figura"!*

LW – Não lembro de muita coisa mas lembro perfeitamente desse cara me seguindo por todo lado! Eu não conseguia entender que porra ele queria! Talvez ele quisesse me vender cocaína...

compactos japoneses

Corky Laing abre o jogo...

poeira Zine - *Como eram os tempos do seu primeiro grupo, o Energy?*

Corky Laing – A época do Energy foi maravilhosa! Éramos muito jovens e possuíamos uma exuberância musical tremenda. A banda estava junta há um bom tempo e tivemos a oportunidade de abrir os shows de todas as bandas inglesas que se apresentavam em Montreal, pois era lá que os gringos conseguiam os vistos de trabalho para poder seguir para Nova York, por exemplo. Abrimos para Jimi Hendrix, The Troggs, The Who muito antes deles estourarem nos Estados Unidos. Lembro de ter conhecido e de ter conversado com Eric Clapton antes mesmo do *Disraeli Gears* ser lançado! Nos sentíamos abençoados por estar em contato tão íntimo com a elite do Rock inglês daquela época, muito antes do que qualquer outro grupo norte-americano...Aprendemos muito com todas essas bandas maravilhosas e nossa influência sempre surgiu diretamente desse contato.

pZ - *Foi nessa época que você conheceu o então renomado produtor Felix Pappalardi?*

CL – Eu conheci Felix quando nosso manager o trouxe para Montreal para ele produzir a canção "When I Fall In Love", um antigo tema de Nat King Cole...Felix foi o mais completo músico que eu tive o prazer de conhecer na minha vida...Senti muito sua perda...

pZ - *Ao lado de Neil Peart, você sempre foi considerado um dos maiores nomes da bateria canadense. Sua pegada sempre foi extremamente forte e pesada. É difícil manter o pique depois de 35 anos de estrada?*

CL – Todos os dias eu tento ser o melhor baterista dentro do que eu posso ser (risos). Nessa vida o meu barato é tocar bateria e me sinto bem em pensar que mesmo depois de todo esse tempo continuo com a mesma vontade e tesão de antigamente. Então pra mim não é uma dificuldade envelhecer tocando bateria, não vejo isso como uma dificuldade...Tenho certeza que Neil Peart também pensa dessa forma e é por isso que ele é o fenômeno que é no instrumento.

pZ - *O disco Mystic Fire mostra um Mountain pronto para encarar o século XXI. Você e Richie Scarlet formam a muralha sonora dessa nova versão do Mountain. Como foi trabalhar com tantos baixistas talentosos como Felix Pappalardi, Jack Bruce, Noel Redding e Mark Clarke entre outros?*

CL – Novamente sou obrigado a usar a palavra "abençoado" (risos)...Felix Pappalardi era um maestro, Jack Bruce é um gênio, Noel Redding era uma espécie de "mito-musical" quando estava sóbrio (risos)... e Mark Clarke era um cara legal...Todos esses caras tinham tanto ritmo saindo de seus dedos que nem precisavam de um baterista (mais risos)...

pZ – *Você se lembra como bateu a inspiração para compor "Mississipi Queen", o maior hit do Mountain?*

CL – "Mississipi Queen" surgiu de uma longa noite em Nantucket, quando a eletricidade caiu e uma maravilhosa garota bem típica do Sul dos EUA queria continuar dançando na pista. Me senti inspirado naquele instante. Puxei um ritmo bem dançante na bateria e comecei a gritar: "Mississipi Queen if you know what I mean"...o resto é história...

Avalanche (1974) ***

Depois de dois discos ao vivo o Mountain estava louco para voltar às gravações em estúdio. *Avalanche* é uma tentativa de volta aos dias inspirados de *Climbing*. Mais voltado para a guitarra de Leslie West, o rock rola solto com as versões de "Whole Lotta Shakin' Goig On" e "Satisfaction". Pappalardi voltava afiado e compondo muito como em "Sister Justice", "Swamp Boy" (e sua introdução bacana), "Thumbsucker" e "Last Of The Sunshine Days". "Alisan" era mais uma bela peça instrumental de West, nos moldes de "To My Friend" que aparecia no disco *Climbing*. "You Better Believe It" mostra o quanto faz diferença ter Corky Laing de novo na bateria e "I Love To See You Fly" tem algo de Led Zeppelin.

Go For Your Life (1985) **

Contando com Mark Clarke (ex-Tempest e Uriah Heep) no baixo, o Mountain mostrou estar meio perdido após a morte trágica de Felix Pappalardi. Temas sem inspiração como "Hard Times" (que mereceu um clipe medonho na época, "Spark" e "Bardot Damage" mostravam que o Mountain queria soar como um ZZ Top ou um Kiss, bandas de sucesso nos anos 70 e que continuaram vendendo muitos discos nos 80, o que não foi o caso do Mountain. Títulos como "She Loves Her Rock (And She Loves It Hard)", "I Love Young Girls" e "Makin' It in Your Car" falam por si mesmo e demonstram os interesses do pessoal na época.

DISCONEXUS

www.disconexus.com.br

CDs Novos & Usados

Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes

Compra - Venda - Troca

Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

Empório Das Letras
Sebo

LPs - CDs - Livros - Gibis
Usados e Raros - Compra e Venda

Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

Riva Rock Discos

Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade

Grande acervo de Cd´s, Lp's, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc.

ROCK EM GERAL
TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)

www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1498
CENTRO F:(19) 3237-4945
CAMPINAS - SP- BRASIL

*Over The Top (1995) ****

Coletânea dupla com muito material clássico da primeira fase do Mountain. Os discos Climbing e Nantucket Sleighride aparecem quase na íntegra, mas o bacana é uma versão inédita, registrada ao vivo, para "Stormy Monday" com quase 20 minutos de duração. De quebra, a coletânea traz duas faixas inéditas contando com Noel Redding no baixo: "Talking To The Angels" e "Solution"

*Man's World (1996) ***

Como não rolou a volta com Noel Redding o jeito foi convocar Mark Clarke de volta para encarar agora a década de 90. Bem superior ao Mountain dos anos 80, essa versão mostrava estar de bem com a vida em músicas como "In Your Face", "Noboddy Gonna Steal My Thunder", "Man's World" (uma versão para "It's a Man's Man's World" de James Brown, também regravada pelo Grand Funk Railroad nos anos 80) e "Look"

*Mystic Fire (2002) ***

O Mountain do século XXI vem com Ritchie Scarlett no baixo e mostra um peso extra em todas as composições, principalmente na releitura para o clássico "Nantucket Sleighride". O disco abre com a pesada "Immortal", trazendo vocais quase guturais de Leslie. Na seqüência, a faixa título, a melhor do disco por sinal. A regravação de "Fever" (aquela que ficou famosa com o rei Elvis) é bem interessante, e, covenhamos, é engraçado imaginar Leslie dando uma de sexy com todo aquele tamanho!

pZ -- *É muito falado entre os fãs do Mountain que Felix Pappalardi começou a perder a audição devido ao volume brutal com que o Mountain se apresentava. Você nunca teve problemas com seus ouvidos? Foi por causa desses problemas auditivos que Pappalardi voltou para a produção e você e West formaram o West Bruce & Laing ao lado de Jack Bruce?*

CL – Não acho que Felix tenha parado de excursionar pelo nosso excesso de volume. Eu tive sim recentemente alguns problemas com minha audição, não pelo volume de nossa banda mas sim por estar me tornando um velho bunda mole...(risos) De qualquer forma, não posso responder pelo Felix e dizer realmente o porquê dele ter parado de excursionar naquela época. O que posso te dizer é que naquele período eu e Leslie queríamos continuar a todo custo, nada iria nos parar naquele instante.

pZ - *Seu disco solo Makin' It On The Street, lançado em 1977, é um ótimo e surpreendente álbum, apesar de não parecer em nada com o Mountain. Você mostrou uma outra faceta de sua personalidade musical, trazendo um autêntico clima "Southern Rock" para o estúdio, contando com as participações de Dickey Betts e Eric Clapton. Como foi esse período de sua carreira em que você assume também os vocais e por que você aparece naquela capa com as baquetas no bolso?*

CL – Que legal que você curte aquele álbum! (empolgado) É sempre uma experiência maravilhosa poder se expressar num disco solo principalmente depois de você passar sete anos levando porrada dos outros (risos). Além de baterista eu sempre me considerei um compositor então foi algo bem natural fazer esse álbum. Fiz questão de aparecer na foto com as baquetas no bolso simplesmente pelo fato de querer deixar bem claro que sempre serei um baterista antes de qualquer outra coisa, apesar de aparecer naquela capa com uma guitarra nas minhas mãos.

pZ - *O disco The Secret Sessions também surpreende, trazendo uma série de convidados como Ian Hunter, Mick Ronson, West, Pappalardi,*

Todd Rundgreen e John Sebastian. Por que o álbum ficou arquivado por tantos anos? A Elektra não quis lançá-lo na época como seu segundo registro solo?

CL – A gravadora segurou meu disco pois apareceu o Sex Pistols e eles tentaram fazer com que a gente ficasse parecendo um bando de dinossauros (risos). A indústria fonográfica havia mudado muito e seguia as novas tendências, então eles acabaram arquivando o meu álbum. (Corky fica novamente surpreso e empolgado ao saber que eu curto também esse álbum...)

pZ - *Entre 1989 e 1995 você foi vice-presidente da Polygram canadense. Você chegou a abandonar os palcos nesse período? E como anda a cena roqueira no Canadá?*

CL – Não, eu me mantive bem ocupado musicalmente nessa época em que trabalhei na Polygram. Leslie me convidou para uns festivais de verão pela Europa e também toquei com John Mellecamp no Farm Aid.

Galeria Nova Barão

A nova opção para quem curte boa música

MAFER Records
Rock - MPB
Bossa - Jazz - Psych
dansilmafer@uol.com.br
Rua Alta - loja 28
Fone: (11) 3159-3527

Blue Sonic
Psicodélico - Hard Rock
Progressivo - Jazz Rock
CD - LP - DVD
captainray@bol.com.br
Rua Alta - loja 44
Fone: (11) 3151-4524

DISCO 7 (VINIL)
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70
www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br
Rua Alta - loja 24
Fones: (11) 3231-1193/9889-2860

Rua 7 de Abril, 154 - Entrada também pela Rua Barão de Itapetininga, 37 - São Paulo/SP

pZ - *A tour norte-americana desse verão, a "Hard Rock Crusades", é uma tentação para os fãs do Rock Clássico. No mesmo palco estarão o Mountain, Deep Purple, Savoy Brown e Uriah Heep. Existe alguma possibilidade desse festival passar pela América do Sul?*

CL – Eu nunca toquei na América do Sul e adoraria poder fazê-lo em breve. Não sou um cara bom para fechar shows, mas talvez você conheça a quém interessado em promover nossos shows por aí seria ótimo. (atenção promotores e empresários, seria uma ótima pedida ver o Mountain no Brasil em!)

pZ - *Quais são as suas principais influências e qual a sua atuação preferida no Mountain?*

CL – Eu sou uma esponja e absorvo todos os tipos de influências, tanto as boas como as ruins (risos). Agora, quanto à atuação preferida, posso te garantir que amei fazer todos os shows e gravar todos esses álbuns com o Mountain!

pZ - *Você já ouviu falar sobre a bateria brasileira? Durante o Carnaval temos desfiles onde cerca de 100 pessoas fazem um barulho percussivo infernal! Você toparia vir para o Brasil tocar samba? Quem não vai gostar nada disso são os fãs brasileiros do Mountain que com certeza irão preferir ver você atuando ao lado de Leslie West e Richie Scarlet, e de preferência detonando "Mississipi Queen"...*

CL – Eu sou fanático pela percussão de vocês! Adoraria poder tocar isso aí no Brasil! Inclusive usei muita percussão nos meus dois primeiros anos com o Mountain, cowbell e todas essas coisas.. Além disso, aqui no Canadá somos abertos a tudo o que vem de Cuba, ao contrário dos EUA, então sempre tive muito contato com a música latina. A minha mãe adorava me dar lições de dança na nossa cozinha ouvindo esse tipo de música...

BOOTLEG SERIES

Imperdível para os fãs da banda são os títulos batizados de Official Live Mountain Bootleg Series, disponíveis no mercado pela gravadora Voiceprint. São gravações pessoais do arquivo de Leslie West e Corky Laing, que permaneceram inéditas até os dias atuais e finalmente vêem a luz do dia. Os discos trazem performances de diversas fases do grupo, alguns com qualidade sonora duvidosa, porém de alto valor histórico. Comentamos aqui alguns desses lançamento.

Volume 01 – Swing Auditorium, San Bernadino, CA, 20/12/1971

Gravado no dia do 32 aniversário de Felix Pappalardi, o show traz o Mountain com o alto vigor de suas apresentações no início dos anos 70, quando eram constantemente convocados para participar de festivais ao ar livre pelos EUA.

Volume 02 – Shepherds Bush Empire, Londres, 17/09/1997

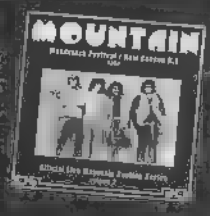
Show histórico trazendo a participação de vários baixistas, entre eles John Entwhistle (The Who) que se junta ao Mountain para uma versão de "You Really Got Me" dos Kinks.

Volume 03 – Capitol Theater, Passaic, New Jersey, 30/12/1973

Essa foi a última apresentação da banda nos EUA em 1973. Nesse ano o grupo só fez a tour japonesa no mês de agosto e esse show especial de ano novo para os fãs de Nova Jersey, que foi gravado e transmitido por uma rádio local. Foi também o primeiro show da chamada "segunda fase" da banda a contar com Corky Laing novamente na bateria. Destaque para a inédita "Get Out Of My Life Woman".

Volume 04 – Woodstock Festival / New Canaan, 1969

Registro histórico trazendo gravações do show do Mountain em Woodstock em agosto de 1969 e no New Canaan High School, em Connecticut (essa a primeira apresentação de Corky Laing com a banda).



Também disponíveis pela Voiceprint

Leslie West - Guitardeo

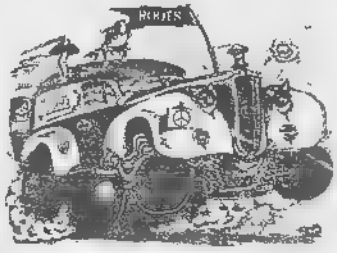
Coletânea que reune faixas da carreira solo do guitarrista ao lado de convidados muito especiais como Greg Allman (num blues de arrepiar), Ian Gillan, Mick Jagger, Popa Chubby, Joe Lynn Turner, Joe Bonamassa e Aynsley Dunbar.

Corky Laing - Makin' It On The Street

Primeiro disco solo do baterista do Mountain, onde marcam presença guitarristas ilustres como Eric Clapton e Dickey Betts.

Mais informações no site **www.voiceprint.com.b**

ROOTS RECORDS



www.rootsrecords.com.br

CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios

Entregamos para todo o Brasil

Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2º piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

MEDUSA RECORDS

ATENDEMOS VIA CORREIO
Rua 24 de Maio, 62 - 1º Andar - Loja 210
01041-000 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 223-0648
E-mail: medusa@hiplace.com

Blackbird
Music Shop
www.blackbird.com.br

CDs, DVDs e Livros

Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB

Telefax: 3141-9690

Av Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Tomada

disco novo em voltagem máxima

"Tudo em Nome Do Rock & Roll", primeiro registro dos caras lançado em 2003, esbanjou qualidade tanto nas composições como no seu tratamento gráfico. Mantendo o pique e ampliando cada vez mais o seu público, o Tomada lança **Volts**, em voltagem máxima. O grupo conta detalhes da gravação do novo álbum, fala sobre homenagens, influências e muito mais. O que dizer de uma banda que faz músicas em homenagem ao **Humble Pie** e ao **A Foot in a Coldwater**?

Capa Volts: Tiago Almeida /Foto Tomada: Deco Cury

poeira Zine – *O segundo álbum é a prova de fogo para qualquer banda. Geralmente ou ela decola ou afunda de vez. Vocês fizeram esse álbum com essa encanação?*

R de Rock, no som e na atitude, quando sento pra compor não penso em fazer hits e sim um som honesto e criativo. Não existe a necessidade de provar que o Tomada é a maior ou a melhor banda de rock de todos os tempos , somos uns caras que tentamos divertir o publico e a nós mesmos tocando.

Rodrigo – Acredito que seja natural uma banda pensar dessa maneira, mas o nosso 2º álbum foi composto de forma muito espontânea. O amadurecimento do som reflete mais a criatividade do que qualquer outro tipo de preocupação.

Ricardo – Se houve uma certa tensão nas gravações foi porque sabíamos que o material tinha mais potencial que o do primeiro disco, e não queríamos deixar de aproveitá-lo. Continuamos compondo músicas diferentes e inusitadas, mesmo que sejam simples.

pZ – *Como rolou a composição/gravação do Volts?*

Ricardo – Só digo uma coisa: cadeiras voaram no estúdio, na nossa casa... (risos). Mas ninguém ficou seriamente ferido.

Pepe - A idéia original era gravar a base do disco ao vivo , como em *Tudo em Nome do Rock & Roll*, mas não rolou por causa do espaço no estúdio. 90 % dos baixos e baterias foram gravadas ao vivo e o resto em overdubs. A grande diferença desse disco são as composições, no último quando o Keko e o Rodrigo entraram na banda , as músicas estavam prontas, eles fizeram os arranjos e mandamos bala , agora temos parcerias entre todos na banda.

Rodrigo – Foi tudo como de costume, cada um trouxe uma idéia e no final as músicas estavam prontas. Tínhamos a intenção de convidar o Júnior (Patrulha) e o Lanny Gordin para participarem do disco em duas faixas que seriam gravadas aqui em Sampa, mas acabamos não conseguindo o estúdio a tempo.

pZ – *A música "Um pé na água fria" é uma homenagem a banda A Foot in A Cold Water?*

Pepe - Meu tio Dimas (roqueiro de BH) me manda mensalmente discos de rock, blues, prog e até jazz e muitos deles são de bandas menos famosas, porém legais a beça: Gravy Train, Titus Groan, Flied Egg, entre outros. Quando ele me mandou A Foot in Cold Water, fiquei louco, cara, uma banda canadense, um som Hard Rock de primeira, mostrei pra todo mundo que estava por perto. Durante o [illegible] fria, puta nome legal!

Rodrigo – Eu a entendo dessa maneira, porém é muito difícil fazer uma homenagem à altura de bandas como essa.

Ricardo – Na hora de cantar eu me pergunto "o que será que o público está pensando?", porque não vejo grande diferença em anunciar veementemente que o nome é homenagem a uma banda assim desconhecida, dá no mesmo. Já que a música é boa, não precisa ficar explicando. Se fosse ruim, não adiantaria explicar. "Humble Pie" do primeiro CD, tem gente que ouve e acha que o pai do Rambo está sendo homenageado. Tudo bem, ninguém é obrigado a conhecer todas as bandas.

pZ – *"SSS-SP" é uma homenagem do Sérgio Kaffa para Sampa. Como rolou a participação? E as histórias do cara?*

Pepe - O Kaffa é uma figuraça , chegamos dois dias antes em Rio Preto e o Juninho (bateria do Freak!), nos convidou para um show de rock em Mirassol (cidade vizinha). A tal banda fazia só versões de músicas nacionais, Som Nosso, Rita entre outras e o tecladista da banda era o Kaffa. Sempre acompanhado de uma dose, sentamos na mesa e começamos a trocar uma idéia e dar boas risadas, lógico que pintou a idéia de chamar o cara pra ir ao estúdio na semana seguinte. Chamamos ele pra fazer "Só mais uma vez" e uma versão de "O Contrário do Nada", dos Mutantes! No fim da sessão, depois de 2 garrafas de Whisky a menos, ele apresentou "SSP-SP" pra gente, gravamos na hora.

pZ – *E os shows? O que está pra rolar daqui pra frente?*

Pep [illegible] lançamento do *Volts* no Centro Cultural São Paulo, de graça, na sala Adoniran Barbosa. Todos estão convidados.

O Tomada chega ao seu segundo álbum transbordando vigor e boas composições. Gravação roqueira por excelência, onde fica evidente que a cozinha de Keko e Pepe foram registradas "na raça", com a guitarra de Rodrigo e os exímios vocais de Ricardo Alpendre vindo por cima de tudo. "Asfalto Queima" lembra uma introdução clássica do Montrose ("Bad Motor Scooter"), onde a guitarra parece uma moto acelerando. "SSS-SP" é uma homenagem do lendário Sérgio Kaffa (ex-O Terço, Cia. Paulista De Rock e muitos outros) para Sampa que o Tomada gravou ao lado do próprio músico. "Por ali ela não passou" tem um clima country, gaita e até uma guitarra havaiana; "Só mais uma vez" tem total influência "soul", mostrando diversas facetas do grupo. Já a faixa título soa como um ZZ Top mais virtuoso onde fica nítida uma grande evolução nos vocais de apoio do Tomada. A Tomada está com voltagem máxima. Rapazes, cuidado só para não entrar em curto nesse pique todo...

Mais informações: www.tomada.czpublicidade.com

MONTANHA

E TODO O PESO DO FORMATO POWER TRIO

Numa edição da poeira Zine com o Mountain na capa, nada melhor do que uma banda local chamada Montanha para incrementar ainda mais esse número

Esse power trio de Santo André foi formado em 1987 e o primeiro registro saiu em 1992, quando lançaram um histórico compacto em vinil chamado *Underground*. A banda durou até 1995, tocando em qualquer espaço Rock que pintasse pelo caminho. Depois de um hiato de cinco anos, no ano 2000 voltam como uma banda de cover e com novo nome: General Pig, o que deixou o pessoal com mais vontade ainda de voltar a apostar no som próprio e colocar o Montanha novamente na estrada.

De 2002 para cá o Montanha vem batalhando para se impor no cenário e finalmente lança seu primeiro disco, trazendo o mesmo nome do grupo.

Marcelo (bateria/vocal), Sandro (baixo) e Jean (guitarra) esbanjam peso nessa estréia onde fica nítida a influência do Black Sabbath e de outras sonzeiras dos anos 70, como assume Jean: *"Nossas principais influências são o Sabbath, Mountain, Atomic Rooster e Captain Beyond; não tem como fugir disso...De coisa mais nova curtimos Trouble e alguma coisa do Corrosion Of Conformity, que na verdade são dos anos 80 Depois disso não escutamos muita coisa nova..."*

Os Riffs pesados fazem parte de todo o álbum, tendo mais evidência nas faixas "Mergulho No Espaço", "O Arquipélago", "O Doce e o Amargo" e "Peregrino".

A psicodelia tem sua vez na faixa "Para o Tempo Voltar", mostrando toda a versatilidade da rapaziada para criar climas de arrepiar que pintam também na bela peça instrumental "Big-Bang", que começa acústica e depois se transforma em peso puro.

O timbre da guitarra do Jean também merece destaque com sonoridade pra lá de clássica: *"Só usei coisa antiga: cabeça e caixa Marshall, uma Gibson Les Paul 1980, pedais Wah Wah e SansAmp"*. Está explicado?

Impossível também não ressaltar a inusitada versão do Montanha para "Astral Lady" do maravilhoso Captain Beyond, uma das melhores bandas de Hard Rock da história

O grupo vem dando o que falar, conquistando resenhas positivas em praticamente todas publicações roqueiras do país e conseguindo a média de uma apresentação por semana. Quem encerra é o próprio Jean que deixa um aviso para quem se interessou pela sua banda: *"A primeira prensagem do nosso CD de estréia se esgotou mas já estamos providenciando uma nova para quem quiser adquirir nosso trabalho"*.

CLASSIC ROCK
CD'S LP'S VIDEOS
Rua dos Andradas, 1444 - sala 31
GALERIA CHAVES
Fone/Fax: (0xx51) 3227.5911
Porto Alegre - RS - Brasil

METAL
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br
CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS
Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500
Atendemos pelo correio para todo o país
Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

FLOWER POWER records
www.flowerpowerrecords.com.br
CD's, DVD's e Vinis
Progressivo - Psicodelia - Hard
Beat - Mod - R & B - Soul - Jazz
Blues - Rock - MPB
Raridades em geral
TRABALHAMOS COM ENCOMENDAS
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL
Fone: (48) 224-6656
Rua Tenente Silveira, 111, 3º andar
loja 303 - Shopping Parthenon II
CEP 88010-300 - Florianópolis - SC
flowerpowerrecords@yahoo.com.br

Pérola Escondida

titus groan

Tudo começou quando uma agência londrina dirigida por freaks malucões, batizada de Red Bus, resolveu fazer uma espécie de Woodstock local. O local escolhido para o "Love, Peace and Music" rolar à vontade durante três dias foi uma fazenda perto de Newcastle.

Corria o mês de maio de 1970, portanto o maior festival inglês (Ilha de Wight) ainda não tinha acontecido, então nada mais natural que esse festival organizado pela Red Bus, batizado de Hollywood Pop Festival, fosse "A" sensação daquela temporada.

Sensação mesmo foi uma tal de Titus Groan, banda que estreou nesse festival e deixou todo mundo em êxtase por pelo menos um ano.

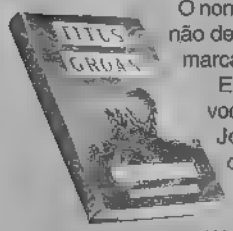
Apesar do festival contar com o Ginger Baker's Airforce, Family, Mungo Jerry e com a primeira apresentação do Grateful Dead na Inglaterra, quem roubou o espetáculo foi o Titus Groan

Depois desse show, foi fácil o grupo descolar um selo, sendo que a gravadora Dawn fez a melhor oferta e ficou com os rapazes.

O que o pessoal da Dawn talvez não soubesse é que aquela turma seria responsável por um dos mais criativos registros do seu cast.

Com as sessões rolando maravilhosamente bem nos estúdios, a Dawn se empolgou e em outubro de 1970 soltou um maxi-single de três faixas: "Open The Door Homer", "Woman Of The World" e "Liverpool". Como a repercussão do grupo tinha sido muito boa dentro do próprio selo, no mesmo mês a Dawn soltou também um álbum completo, batizado honestamente de *Titus Groan*.

A assustadora capa em apenas duas cores (preto e vermelho) causaria pânico até no mais satânico fã do Black Sabbath ou do Black Widow, o que só dava crédito para o Titus Groan, já que naquela época quanto mais uma banda fosse "misteriosa", mais repercussão ela gerava.



O nome do grupo, baseado na novela gótica de Mervyn Peake, não deixava dúvida que o pessoal queria mesmo é deixar sua marca no concorrido cenário inglês do período.

Em apenas cinco faixas, Stuart Cowell (guitarra, teclados e vocais), Tony Priestland (sax, flauta, oboé e sopros em geral), John Lee (baixo) e Jim Toomey (bateria) esbanjam originalidade e confiança, seja nos fraseados da guitarra com os metais, ou mesmo na percussão suingada e ousada que o grupo sustentava.

"It Wasn't For You" soa como se o Jethro Tull tivesse continuado com Tony Iommi nas guitarras e chamasse o John Bonham para uma Jam numa taberna. "Hall Of Bright Carvings", não por acaso o nome do primeiro capítulo do livro que batizou a banda, é uma suíte épica dividida em três movimentos arrepiantes.

Durante os 12 minutos desse clássico já é possível distinguir perfeitamente os climas mais pesados, as viagens e o refinamento melódico do Titus Groan. A atmosfera medieval de "I Can't Change" e o sotaque de Cowell não deixam dúvidas quanto à nacionalidade do quarteto que até improvisa com categoria uma faixa mais acessível e comercial como "It's All Up With Us". Talvez se o elemento "sorte" fosse mais constante na trajetória do conjunto, essa faixa teria estourado nas paradas.

Choveram matérias elogiando a estréia do grupo na imprensa britânica. O semanário New Musical Express falou tão bem do álbum que o natural era que público nos shows começasse a aumentar cada vez mais. Um crítico mais invocado pegou forte no pé da banda, dizendo que tudo aquilo não era mais do que um pastiche da ópera rock *SF Sorrow* dos Pretty Things, considerada a primeira ópera rock da história, antes mesmo de *Tommy* do The Who. As comparações com o Caravan também eram inevitáveis.

O jeito foi sair numa tour-itinerante pelo país, organizada pela Red Bus e pela Dawn, contando apenas com grupos do cast dessa última, os até hoje desconhecidos. Demon Fuzz, Heron e Comus. Os organizadores ainda fizeram questão de cobrar bem barato os ingressos, o que de nada adiantou pois a tour foi um fracasso total, apesar de passar por casas badaladas, como o Marquee, por exemplo.

Em menos de um ano tudo estava acabado para essa grande e "promissora" banda...O que se sabe é que apenas o batera Jim Toomey chegou a formar um grupo com o guitarrista Larry Wallis (Pink Fairies, Motorhead e outros). O resto da turma simplesmente sumiu...

Em 1989, a gravadora See For Miles lançou um CD chamado *Titus Groan...Plus*, contendo o disco completo homônimo de 1970, mais o single de três faixas de bônus. Imperdível

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco

Rock dos anos 60, 70, e 80

www.feirabeneditocalixto.com.br/ctrips.htm
jmcpacheco@hotmail.com

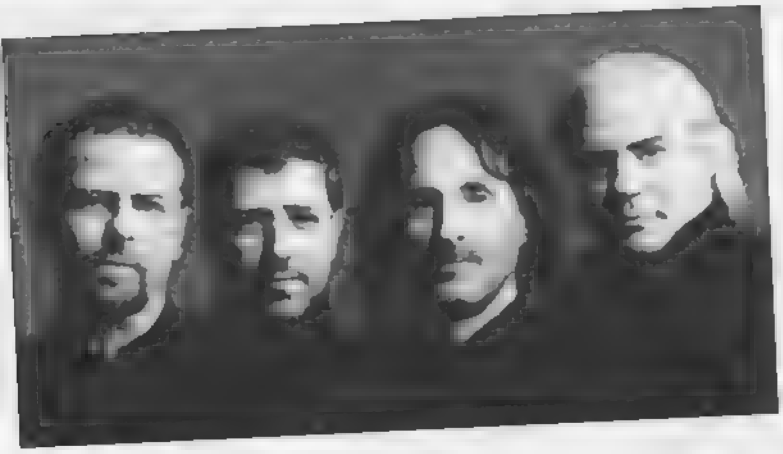
CD's & LP's / Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

PREMIATA FORNERIA MARCONI

viagem pessoal e ligeira pela música do PFM (esperando pelo show)

*por Sérgio Alpendre **



O início da apreciação desse estilo musical tão mal compreendido quanto querido deu-se, no meu caso, com bandas derivadas de outras bandas mais clássicas. Na verdade, poucos jovens que não tiveram orientação de pais ou irmãos bem mais velhos começam pelos antigos. É muito mais comum o garoto conhecer Interpol e depois procurar discos do Joy Division, ou ouvir Iron Maiden, pra depois conhecer Uriah Heep ou Atomic Rooster. No meu caso, saindo de uma bitolação em Heavy Metal, e depois de passar por um breve estágio no tecno pop e na new wave/new romantic (exclusivamente), estilos que ainda ressoam pelos auto-falantes da minha casa, descobri o Marillion, por ocasião do lançamento brasileiro de *Misplaced Childhood*, em 1986. Aí fui atrás de Genesis, para em seguida mergulhar com sede inesgotável no estilo.

Uma das minhas maiores alegrias foi descobrir, alguns anos depois (tardiamente, eu sei), o prog cantado em outras línguas que não a inglesa. As primeiras bandas que conheci nesse sentido foram Ange e Monalisa, da França, e Banco e PFM, da Itália. Como adoro as duas línguas derivadas do latim, minha adesão a essas bandas foi imediata. Acho lamentável a escolha de algum hipotético iniciante por *Photos of Ghosts*, a versão ligeiramente modificada de *Per um Amico*, disco em que perde-se o italiano para um inglês macarrônico e primário, ainda que possa ser uma porta de entrada para a banda, caso seja ouvido como introdução, para se conhecer o seu trabalho, mas nunca no lugar de *Per um Amico*. Ou como curiosidade, nada mais do que isso.

De primeira, atraiu-me no PFM o mellotron, dialogando com o piano, ambos cortesia do mestre Flavio Premoli. Mas um mellotron quase discreto, não tão incisivo quanto o do King Crimson, ou do Cressida. Aquela sonoridade espacial (sem ser space rock), normalmente servindo de bela cama para os passeios da guitarra de Franco Mussida e do outro teclado, ou até mesmo da flauta de Mauro Pagani. O mellotron foi substituído gradualmente pelo moog, que viraria uma característica marcante de Premoli. Depois, as melodias estranhas e cantadas em belo italiano, a estrutura claramente sinfônica das músicas, o tom operístico, e que de resto é característico de nove entre dez bandas italianas da época.

Inicialmente na banda I Quelli, Premoli, Mussida, Giorgio Piazza (baixo) e Franz di Cioccio (bateria) já buscavam, dentro de um derivado mais esperto e psicodélico da beat music, um som mais trabalhado, com destaque para as tendências eruditas dos músicos, ainda que represados num formato pop e pouco afeito ao que eles queriam fazer, já no final dos anos 60. A banda serviu também como apoio em um disco de Lucio Battisti.

No início dos anos 70, com algumas mudanças de formação, e com a entrada do ex-Dalton, Mauro Pagani, a banda seria finalmente rebatizada com o pomposo nome Premiata Forneria Marconi, nome composto por três palavras, como o de muitas outras bandas que surgiriam depois, e que queria dizer Padaria Premiada Marconi (na Itália, a palavra "forneria" é bem antiquada, segundo um dos sites italianos especializados na banda, indicando algo meio fora de moda).

Numa das primeiras e mais importantes provas de fogo para a banda, quando abriram para o Deep Purple num show de 1971 em Bologna, foram obrigados a tocar a primeira canção (a cover de "21st Century Schizoid Man", do King Crimson) no escuro. Seria descaso com uma banda natal, algo que presenciamos inúmeras vezes aqui no Brasil? O fato é que a banda agradou e daí para onde chegaram não demorou muito mais do que um ano.

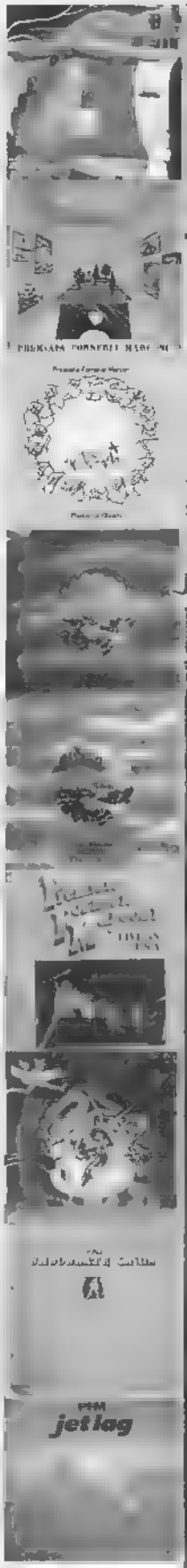
A estréia, *Storia di um Minuto*, pode até ser mal gravada, mas contém grande parte do charme que atrairia fãs do mundo inteiro, inclusive muito do que eu mencionei no parágrafo acima, mesmo que de maneira ainda crua, com menor esmero. Isso para alguns seria até um trunfo, e muitos preferem esse disco a qualquer outro do PFM talvez por conter a banda em estado bruto. Porém, se considerarmos que o disco anterior, o homônimo do I Quelli, foi lançado mais de dois anos antes, dá pra ver que eles passaram um belo tempo se preparando para entrar de cabeça no som mais sinfônico.

Per um Amico e *L'Isola di Niente*, respectivamente o segundo e o terceiro disco, são para figurar em qualquer lista de melhores mundo afora. Progressivos por excelência, com faixas longas e muito trabalhadas, a influência jazzística se fazendo notar, junto aos toques eruditos de Premoli e Pagani. Impressionistas como Ravel e Debussy, os avôs do progressivo. Mesmo tendo *Storia di um Minuto* em alta conta, devo dizer que *Per um Amico* e *L'Isola di Niente* são os que justificam a reputação de clássico maior do prog italiano que a banda ganhou com os anos.

Em *L'Isola di Niente* houve uma importante troca na formação: o ex-Area Patrick Djivas substituiu Piazza, o que pode ser determinante na progressiva caminhada da banda em direção ao jazz rock. Se *Per um Amico* representava o PFM em seu mais clássico momento, fazendo de maneira brilhante mais ou menos o que faziam as bandas inglesas (solos de mini-moog, andamentos diversos, quebra de compassos...), *L'Isola* traz aquele algo mais instigante, que deixaria todos se perguntando aonde a banda iria. A faixa título (que abre o disco) destoava de tudo o que a banda havia feito até então, chegando a causar um saudável estranhamento, pois tudo nela é exagero e genialidade. E "Dolcíssima Maria" seria o intervalo lírico, pastoral, muito bem encaixado entre as loucuras musicais que a banda explora no restante do disco. Provavelmente é o meu preferido entre todos que a banda lançou.

Os dois discos ganharam versões em inglês. *Photos of Ghosts*, como já escrevi, é *Per um Amico* inteiro, mais duas faixas de *Storia di um Minuto*, a deliciosa estréia em disco, vertidas para a língua de Shakespeare. *L'Isola di Niente* virou *The World Became the World*, e transformou "Dolcissima Maria" em "Just Look Away", versão de enorme sucesso na América. Bom mesmo é ouvir em italiano. Mas infelizmente, eles estavam atrás do mercado americano.

Em 1975, a banda quase vira um cover do Genesis, graças ao Bernardo Lanzetti, vocalista que imitava descaradamente o nosso querido Peter Gabriel. Por isso *Chocolate Kings* é um disco de instrumentação impecável, mas que sofre dessa derivação exagerada. "From Under", por exemplo, tem uma das mais belas passagens instrumentais do PFM, até que volta a voz, esganiçada e irritante como em nenhuma outra faixa



do disco (ainda que em outras chegue a irritar também). *Jet Lag* é bem melhor. Ainda com Lanzetti, mas puxando para o Jazz Rock, claramente deixando o vocal em segundo plano. É o último grande disco do PFM, por mais que *Passpartu* seja bem interessante (assim como os discos imediatamente posteriores, apesar de serem bem mais comerciais), e seus incontáveis retornos sejam todos dignos.

Foram, como quase todas as bandas que faziam Rock Progressivo, vítimas de um inchaço do gênero, que lhe custou a saturação, e além de abrir espaço para o punk e a disco music, acabou por dificultar o mercado para ele próprio. Havia sido um gênero de muito sucesso, com shows enormes em estádios e quanto maior o seu apogeu, maior a queda. Se foi assim na Inglaterra e na Alemanha, os países que mais tinham bandas do estilo, por que seria diferente na Itália? O fato é que as melhores e mais duradouras bandas italianas, Banco e PFM, de uma forma ou de outra, foram capengando rumo a uma sobrevivência irregular, porém digna (tirando alguns discos do Banco nos anos 80), até que o revival prog dos anos 90 lhes abriu novas portas. Turnês mais lucrativas e maior procura por seus discos antigos, relançados em edições caprichadas em CD, os grandes tinham, enfim, uma segunda chance.

O que não se pode negar é que o PFM mais do que o Banco, ao vivo, com ou sem Mauro Pagani (mais interessado em música erudita, mas que fez uma maravilhosa apresentação com a banda em 2004), faz arrepiar o último pêlo de qualquer admirador de progressivo. Tecnicamente, os caras só melhoraram com o tempo, e a sonoridade atual, que por vezes encobre o progressivo com o peso de uma produção certinha demais, é compensada por uma energia que poucas bandas, mesmo as de vinte e poucos anos, têm em qualquer época. Comparando *Live in Japan*, de 2002, com *Live in USA*, de 1974, dá pra notar uma bela evolução musical. Por isso os shows da banda no Brasil (em São Paulo, Rio e Belo Horizonte) devem ser impagáveis.

A volta dos coroas

Não deixa de ser meio ridículo ver jovens cabeludões de outrora tentando voltar às glórias de um passado fazendo shows, ostentando barbas e madeixas brancas, que dão espaço para entradas desavergonhadas nas testas já cheias de rugas. Os últimos anos viram um grande número de bandas que pareciam em estado de hibernação, cujos integrantes cuidavam de filhos - quiçá netos – e de viajar com os familiares nos finais de semana, voltarem novamente apaixonados pela música e com uma gana imensa de correrem seus países, e até (quem sabe?) o mundo. São qüinquagenários, ou mesmo sexagenários, arranhando suas guitarras ou bradando berros angustiados de quem não alcança mais muita coisa, ou esmurrando as baterias com punhos cansados, mas na maioria das vezes cheios de técnica e paixão (coisas que nem sempre andam juntas no mundo da música, infelizmente).

Mas seria só ridículo? Seria proibitivo, em nome do bom senso, essa busca nostálgica por um resquício de reconhecimento do passado que não seja pela via informal das vendagens de disco? Quantos de nós não faríamos a mesma coisa, mesmo que motivados por um aumento na conta bancária? Há de fato, algo errado nisso, mesmo que o interesse seja puramente o "caçar-níqueis", como a linguagem corrente já transformou em dogma nesses casos? E não seria, se analisarmos bem, também ridícula a pose de vários garotões imberbes que graçam a cada dia no mundo malvado do rock?

Na verdade há algo de ridículo na representação teatral e gestual de qualquer banda de rock (como há algo de ridículo no gestual de vários outros estilos). Punhos reiterativos, pernas exageradamente abertas, corridinhas pelo palco, ou mesmo o estilo cool de Steve Hacket e Fripp. São todas características de uma representação que parece existir mais para entreter uma platéia ou para mostrar que os artistas têm sangue. Como não temos como saber exatamente o quanto desses retornos está relacionado à paixão, ou quão grande é a necessidade de aumentar a renda, ou mesmo se um fator fala mais alto que o outro, resta-nos a oportunidade de algo que não pudemos presenciar, ou mesmo (para os mais idosos) a chance de reviver alguns belos momentos musicais. A chance de ver ou rever essas representações ridículas, mas que empolgam no calor do momento.

Dane-se quem ri da cara deles, mesmo que sejamos nós a rir. Danem-se aqueles que desejam o fracasso nessa tentativa pouco honrosa de ganhar uns quinhões. Mesmo aos exclusivamente interessados na grana (como declarou ser a condição dos Pistols o seu líder John Lydon, em clara resposta ao retorno astronômico do The Who anos atrás), sempre há uma possibilidade de se envolver de fato, caso contrário a música perderá, e os fãs responderão nas bilheterias. Vivamos e deixemos rolar. Um dia poderá ser nossa vez.

* ***Sérgio Alpendre*** *escreve sobre cinema e música. É redator da revista de cinema Contracampo e mantém dois blogues, um sobre música (www.melomania.blogspot.com) e um sobre cinema (www.chiphazard.blogspot.com). Gosta muito de Rock Progressivo, mas não exclusivamente.*

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY

especializada em ROCK PROGRESSIVO e HARD-PROG

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 7132-0465

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

black bonzo

Se tem alguma coisa me que deixa contente nessa empreitada jornalística é o intercambio sonoro que travo com os leitores da minha publicação. A troca de informações entre amantes de música é algo indescritível. Vocês aprendem comigo e eu aprendo muito com vocês. E foi por intermédio de um leitor que tomei contato com a música do Black Bonzo.

Ele me deu um toque: "Bento, entre no site dos caras e ouça o som deles, você vai adorar! A poeira Zine tem que apresentar essa banda para o público brasileiro!"

Para minha surpresa, esse leitor, que já se correspondia com o pessoal da banda, garantiu que o Black Bonzo estaria me enviando material diretamente da Suécia.

Quando recebi e ouvi o disco, fiquei pasmo! "Será que estou em 2005 ou em 1972?", pensei.

Falei com Magnus Lindgren, o vocalista do Black Bonzo, num bate papo exclusivo com a poeira Zine que você confere no decorrer desse especial sobre essa nova banda (mas de sonoridade antiga) que lançou o melhor disco do ano passado.

Tudo começou com a banda Gypsy Sons of Magic, um agrupamento psicodélico de oito malucos residentes no norte da Suécia, mais precisamente na gelada cidade de Skelleftea. Alguns dos integrantes ficaram fartos de tanta doideira e resolveram apostar com mais seriedade numa nova banda. Como a paixão da galera sempre foi os anos 70, nada mais natural que surgisse o Black Bonzo.

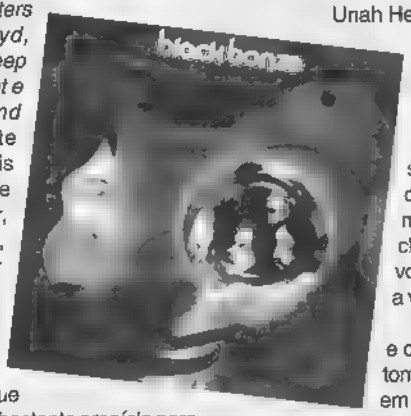
Magnus Lindgren (vocais), Joachim Karlsson (guitarras), Patrick Leandersson (baixo) e Mike Israel (bateria) começaram a ensaiar e a compor material para um álbum. O resultado daqueles primeiros ensaios surpreendeu até mesmo os próprios músicos atordoados e intoxicados completamente pela maravilhosa química que rolava entre eles. O visual ajudava bastante, todos com aparência Freak bem típica do início da década de setenta.

Para incrementar o som e deixá-lo ainda mais com ar de "pesquisa", foi adicionado o tecladista Nicklas Ahlund que traz a sonoridade que consolidou a já vintage musicalidade da banda sueca. O rapaz cuida do órgão, piano, mellotron e sintetizadores sempre esbanjando talento, o que deixou os companheiros de banda com a certeza de que o grupo estava a ponto de ebulição total, pronto para conquistar muitos seguidores do rock dos anos 70...

No verão de 2003 os rapazes do Black Bonzo assinaram com a B&B Records e lançaram no ano seguinte seu álbum conhecido como "Lady Of The Light"

Os bons tempos voltaram

Com tão boas influências e referências musicais, seria impossível o pessoal do Black Bonzo fazer um disco ruim. Ao invés de soar como um pastiche da época, algo saudosista e nostálgico, os caras tiveram perto para lançar um álbum magnífico, totalmente calcado no som das grandes bandas da época, como explica Magnus: *"Nossas principais influências são Hansson/ Karlsson, Kansas, King Crimson, Genesis, Styx, David Bowie, Janne Shaffer, November, Yes, Uriah Heep, Led Zeppelin, Caravan, Aunt Mary, Beatles, Soft Machine, ELP, ELO, Steely Dan, Foreigner, Chicago, Boston, Jencho, May Blitz, Black Sabbath, Thin Lizzy, Masters Apprentices, Pink Floyd, Nektar, Gentle Giant, Deep Purple, Hazy Days, Argent e Crosby Stills Nash and Young."* Surpreendente Magnus citar bandas mais desconhecidas do grande público como November, Aunt Mary, Jericho, Mayblitz, Master Apprentices e outras, provando que os caras entendem mesmo do riscado...



Comento com Maguns que no Brasil a cena se mostra bastante propícia para os apreciadores da música dos anos 70, com novas bandas surgindo, garotada atrás do LPs da época, shows de bandas como Jethro Tull, Focus, Doors, Steppenwolf e que para esse ano teremos ainda PFM e Nektar; Magnus se empolga: *"Nossa que genial! Aqui na Suécia não estamos com essa bola toda mas a cena underground tem segurado as pontas! Temos muitas bandas novas que apostam na sonoridade antiga como o Abramis Brama, Aska, Moonsafari e outras. Nós do Black Bonzo somos influenciados muito mais pelo som das bandas inglesas do final dos anos 60 e começo dos 70 do que essa merda de música eletrônica que faz sucesso hoje em dia..."*

O Disco

Fazia tempo que não caía na minha mão um disco tão bom como este do Black Bonzo. A orgia interplanetária dura quase 60 minutos e é impossível não associar o som da banda com os grandes trabalhos do Uriah Heep, Wishbone Ash, Deep Purple, Kansas e Queen. Ao olhar a capa do disco, trabalhos como *Demons & Wizards*, do Uriah Heep e *Fireball*, do Deep Purple, também sugerem uma associação.

A voz excepcional de Magnus salta aos ouvidos logo na primeira audição, algo como se David Byron tivesse voltado com uma voz mais doce, melancólica e postada. Meu chapa, se prepare, pois você vai voltar no tempo e se arrepiar com a voz desse rapaz.

"Lady of The Light" abre o álbum e os teclados de Nicklas já dão o tom do que está por vir. Uriah Heep em estado bruto no andamento e nos vocais de apoio. Praticamente uma "Easy Livin" do século XXI. A faixa se tornou rapidamente um sucesso na Europa graças a MTV local que usou "Lady Of The Light" numa de suas tradicionais vinhetas. A segunda faixa, "Brave Young Soldier", talvez a melhor do álbum, começa bem climática e tenebrosa, até que um baixo entorpecido de wah wah's coloca as paredes para chacoalhar. Quando entra a bela melodia vocal você já tem certeza que o melhor vocalista da atualidade mora na Suécia.

"These Are Days Of Sorrow" traz uma introdução no Hammond lembrando bastante o Focus e aqueles "ataques" de Thijs Van Leer. "New Day" é festa pura.

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50, 60 e 70

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

CLUBE DE CAMPO MAIRIPORÃ

Music Bar

Música Ao Vivo sempre com as melhores bandas de Classic Rock, Blues e MPB

Rod. Fernão Dias - Km 65,3
(11) 4604-3388 / 9429-2242

Se o Ken Hensley ouvir essa faixa, provavelmente irão pairar duas dúvidas sobre a mente do tecladista. "Quando foi mesmo que eu perdi essa música?" e "Nossa, eu estava tão bêbado que nem me lembro que gravei esse som com esses caras..."

Depois de uma breve e bela "Intermission", executada na guitarra de Joachim Karlsson, é a vez de "Fantasy World", outra faixa absurda de linda onde a introdução do Mellotron nos remete aos primórdios do Prog Rock de "Strawberry Fields" (se você não souber de quem é, vá direto comprar o novo CD do Latino, que deve ser sua praia). "Freedom" entra pelos alto-falantes e já me vejo resmungando comigo mesmo, talvez pelo fato do disco ser simples, e não duplo, ou triplo...Toda aquela glória que o Queen mostrava em seus álbuns clássicos parece voltar com força total em pleno novo século. Destaque para o solo de guitarra gravado por Brian May, "ops", gravado pelo Joachim Karlsson.

"Sirens" é outro grande e melancólico tema, seguido por "Jailbait", a mais Hard do álbum, com um solo de Hammond e guitarra de arrepiar, digno de deixar Jon Lord e Ritchie Blackmore com orgulho. Depois temos "Leave Your Burdens" com uma introdução quase erudita. Outro tema impressionante. Tudo encerra com "Where the River Meets the Sea", que traz também uma breve re-leitura da primeira faixa, "Lady Of The Light".

Enquanto escuto o disco, comento com Magnus que o som de sua banda deve agradar em cheio o público japonês, que tradicionalmente adora esse tipo de sonoridade; o vocalista, novamente empolgado, já me corta: *"Finalmente conseguimos lançar nosso álbum no mercado japonês! Pra mim é um sonho de criança lançar um disco por lá! Vamos ver o que acontece...Creio que nosso álbum irá vender bem no Japão. Não vejo a hora de tocar no Budokan! E se possível lançar um disco ao vivo gravado nele (risos)".*

Apesar de tanto prestígio na sua Terra Natal, o Black Bonzo nunca tocou fora da Suécia: *"Nunca fizemos shows em outro país mas já tocamos com grandes bandas que tocaram por aqui, como o Slade e o Bigelf. Em outubro estaremos indo para nossa primeira tour internacional, onde começaremos pela Noruega tocando junto com a banda inglesa Arena", confidencia Magnus.*

Paixão pelo vinil

Desde o começo da carreira, os músicos do Black Bonzo têm um sonho: lançar seu disco também no formato vinil. *"Ainda não corremos atrás disso, mas é algo que em breve se tornará uma prioridade para nós! O mercado de discos de vinil tem crescido cada vez mais, e, na minha opinião, nenhum outro formato bate o disco de vinil.."* afirma categoricamente o vocalista.

Outra característica que realça ainda mais a autenticidade e a paixão do pessoal do Black Bonzo pela sonoridade setentista é o fato deles não simularem os seus timbres em computadores, preferindo usar o equipamento pesado da época, como explica melhor Magnus: *"Esses timbres digitais modernos que imitam o som original dos instrumentos não faz a nossa cabeça. Que músico em sã consciência prefere manusear um computador ao invés de um grande órgão Hammond?"*

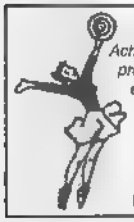
Será que ver a banda ao vivo por aqui é um sonho muito distante?

Magnus completa: *"Infelizmente não temos ainda nenhum contrato de distribuição para o nosso disco aí no Brasil. Mas espero que em breve isso venha a acontecer. Adoraríamos tocar por aí, seria genial! Tente arrumar um show para a gente que iremos com certeza!"*

Mais informações: www.blackbonzo.com

MUSEU DO VINIL
LP'S e CD's
telefones: 5062 6387 / 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

MECHANIX CDs
Compra, Venda e Troca
fone: (11) 223-8101
Galeria do Rock
Rua 24 de maio, 62 - 1º andar - Loja 252
São Paulo - SP - CEP:01041-000
e-mail: robsonse@terra.com.br



Achei o disco que eu procurava há anos em Eric Discos
ERIC DISCOS ltda.
compra, venda e troca
(LP's, Compactos, CD's, DVD's e Videolasers)
Rua Artur de Azevedo, 1813 - Pinheiros - São Paulo
fone: (11) 3081-8252 / fax: (11)3081-5460
www.ericdiscos.com.br ericrauford@ig.com.br

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins. Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

FREEDOM
sua liberdade de escolha
www.freedomdiscos.com.br
CD's - DVD's - LP's (Novos e Usados) - Camisetas e Miniaturas
Tel: (13) 3222-1400
Rua Oswaldo Cruz, 319, Lj.44 - Boqueirão - Santos - SP

Dr. Rock
A serviço e apoio constante ao Rock
dr.rock@vivax.com.br
Santo André - SP

O Colecionador Daniel Zan

E SUAS MALUQUICES NO MUNDO DOS DISCOS

poeira Zine – *Quantos discos você tem?*

Daniel Zan – Ao todo tenho 10.000 títulos, divididos entre LPs e CDs.

pZ – *Quais estilos musicais você coleciona?*

DZ – O forte da minha coleção é Hard,Progressivo e Psicodélico. Curto muito Jazz, Soul, MPB, Funk. Tudo o que era feito antigamente era bom!

pZ – *Quais os mais raros?*

DZ – Isso é muito difícil de lembrar, mas tem o *Their Satanic Mejesties Request* dos Stones, original inglês e com a capa holográfica. Tem um box triplo do Sabbath com um show da Tour do *Sabotage*, muitos compactos japoneses, vários itens do Deep Purple, muito Prog Italiano e alguns Picture discs também.

Tenho um do Toe Fat que por incrível que pareça saiu no Brasil, na época, e com uma capa nada a ver...(risos)

pZ – *Qual a ordem em que você guarda os discos?*

DZ – A ordem é alfabética, sem ser cronológica. Não divido por estilos, apenas separo os artistas nacionais dos estrangeiros. A única exceção são as bandas de Progressivo Italiano e Francês que têm um local todo especial na minha coleção. Todos os discos estão devidamente cadastrados pois cheguei a um ponto em que eu comecei a comprar discos repetidos.

pZ – *Qual foi o primeiro disco que você comprou?*

DZ – Tudo começou quando o meu tio me deu de presente o *In Rock* do Deep Purple, em 1980. Pouco depois fui na loja e com a minha própria grana comprei o *Blizzard Of Ozz* do Ozzy, daí não parei mais. Nessa época a galera primeiro ouvia Ozzy para depois descobrir o Sabbath. Confesso que houve uma época em que vendi todos os LPs do Ozzy, mas é óbvio que depois me arrependi e comprei tudo novamente (risos). O melhor é que acabei achando edições japonesas desses álbuns.

pZ – *E qual a última aquisição interessante?*

JP – O *Call Of The Wild* do Ted Nugent com o Amboy Dukes. Esse disco é do cacete, fazia um tempão que eu estava atrás e nunca o vi em formato digital. Outra coisa que eu adorei foi o Box do Gentle Giant que saiu em CD. Tem também as caixas do Grateful Dead...Adoro Box Sets...(nota do editor: O Daniel tem só 260 Box Sets na sua coleção! Dentre eles a *Cabala* do Led Zeppelin, *Beat The Boots* do Zappa em K-7 e muitas outras...)

pZ – *Tem algum disco que já passou pela sua mão e você se arrepende até hoje de não ter ficado com ele? Ou mesmo ter visto algum por aí e na hora não ter levado?*

DZ – Quando eu era moleque eu achei um *Physical Graffiti* do Led, importado da Alemanha. Passei mal e ele estava caríssimo. Lembro que pra levantar a grana precisei vender 20 LPs nacionais dos Stones! (risos) Quando cheguei na loja com a grana no bolso o disco tinha sido vendido alguns minutos antes. Foi uma frustração enorme...Outro que passou pela minha mão foi uma versão linda e dupla do *Who's Next* do Who. Não comprei na hora e nunca mais achei essa versão

pZ – *Onde se acha os melhores discos (preço e bom estado)?*

DZ – Os melhores discos são de lotes fechados, vendidos geralmente na própria casa de quem está interessado em se desfazer dos "velhos" discos de vinil. Atualmente está difícil de pintar isso pois quem tem discos bons não se desfaz deles por nada nesse mundo! Bem diferente de um tempo atrás quando apareceu o CD. Atualmente em compro mais em leilões na Internet. As lojas estão muito caras, estão supervalorizando o vinil.

pZ – *Qual a melhor prensagem de disco de vinil?*

DZ – A melhor prensagem é a japonesa, sem sombra de dúvida. A parte gráfica dos japoneses também é fenomenal, com capa dura, encartes com letras e ficha técnica completa. O OBI então nem se fala (nota: OBI é aquela tarja de papel presa no disco com o texto escrito em japonês, detalhe que tira o sono de muita gente). Em segundo lugar coloco a prensagem alemã. A inglesa não faz muito a minha cabeça...

pZ - *E qual o selo que mais impressiona?*

DZ - O selo da Vertigo é imbatível no quesito qualidade, só saía coisa boa nessa estampa. Gosto também do selo da Atlantic e o da Harvest, que pra mim é o mais imponente de todos.

pZ – *Quais os cinco LPs que você levaria para uma Ilha Deserta?*

DZ – 1) Deep Purple - *Fireball*, 2) Eloy - *Inside*, 3) Gentle Giant - *Gentle Giant*, 4) King Crimson - *Red* e 5) Jean Luc Ponty - *Imaginary Voyage*.

pZ – *Por que o Vinil é melhor que o CD?*

DZ – Basta ouvir um disco do Black Sabbath em CD para sacar a diferença. Perde toda a magia, energia, os graves, some tudo isso. Tem também o lance da parte gráfica que no vinil é muito superior. O CD também tem suas vantagens, Progressivo por exemplo eu prefiro em CD. O estilo exige um som mais limpo e cristalino.

"Quando eu ficar velho, o que será que vão fazer com todos esses discos? Isso é a minha vida cara!(risos)"

Seboland

Compra e Venda

LP's e CD's Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

SEBOSSAURO Discos

Compra & Venda
Todos os Gêneros

Atendemos via correio para todo o Brasil

LP's - CD's - DVD's - Fitas - Revistas - Gibis

Av. Rio das Pedras, 180 (Próximo ao Terminal Vl.Carrão)
São Paulo/SP - Cep:03452-000 - Fone: (11) 6785-5566 / 9850-2719

COLLECTORS Rock Fair

LPs - CDs - VHS - DVDs - Livros - Gibis

Importados - Raros - Fora de catálogo
compra - venda - troca

Camisetas - surf ware - skate e acessórios

Av. Jabaquara, 973, sobreloja - Pça da Árvore - São Paulo - SP

ROCKER COMICS

CD's - LP's - VHS - Camisetas - Revistas - Gibis
Hard - Heavy - Classic Rock

Iguaçu Center
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480 - Lj. 112 - Centro - N. Iguaçu - RJ
Telefax: (21) 2768-1009 / 9877-4097 - jorgerocker@pop.com.br

CONFEITARIA

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

SÃO GABRIEL

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

CÂMBIO CULTURAL

compra - venda - troca

dvd's - cd's - lp's - revistas - posters
adesivos - cifras - etc.

Av. XV de Novembro, 271 - Santo André - SP
e-mail: mlomazi@ig.com.br (11) 4432-3968

www.9999guitarristas.com.br

Laticínios Nossa Roça

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

VENTANIA

www.ventania.com.br

COMPRA e VENDA

LP's - CD's - DVD's - Livros e Revistas

Rua 24 de Maio, 188 - 1ª sobreloja - Conjuntos 113/115/117
Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 3337-2807
São Paulo - SP

O mais completo site de Rock!

http://whiplash.net

ATUALIZADO DIARIAMENTE

Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Studio Latitude

Sala com 24m² - Gravações ao vivo ou por canal - Ensaios - Produção musical - Spots - Jingles

Gravação AO VIVO R$ 30,00/h

Gravação em PRO-TOOLS R$ 40,00/h

Rua Mauricio Francisco Klabin, 273 - Próximo ao metrô Vila Mariana - (11) 5083-3979 - 8244-5864

Profissionais formados pelo IAV, a melhor escola de áudio do país.

Complete sua coleção da poeira Zine enquanto é tempo

Deep Purple. Pappo. Progressivo Italiano. Hollywood Rock 1975

número 7 - R$3

Lynyrd Skynyrd. The Who. Caravan. Jericho. Carro Bomba. Walfel Branco

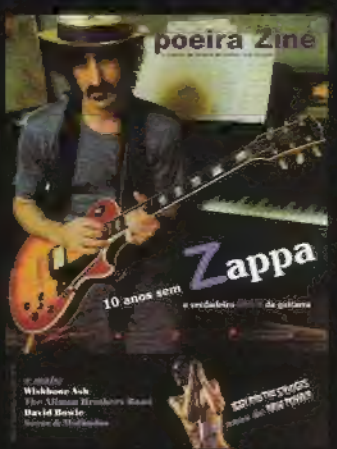
número 6 - R$3

Alice Cooper Brasil 1974. Uriah Heep. Som Nosso. Psicodelia Nordestina

número 5 - R$3

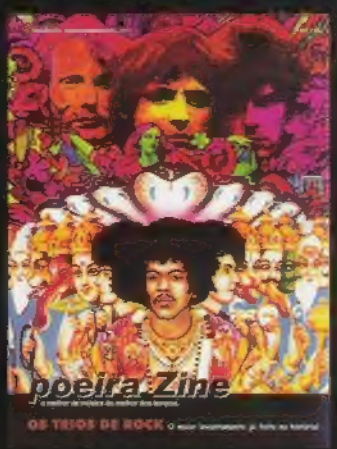
Invasão Britânica. Nektar. Lanny Gordin. Rock Sulista. Gov't Mule

número 4 - R$3



Zappa. Wishbone Ash. Stooges. Allman Brothers

número 3 - R$3



Cream. Hendrix. Power Trios. Led. Neil Young

número 2 - esgotado

Grand Funk. Yes. Camel. Sly and The Family Stone

número 1 - esgotado

Status Quo. Thin Lizzy. Stones. Dr Feelgood. Zappa

número 0 - esgotado

Faça já o seu pedido pelo site (www.poeirazine.com), pelo fone (11) 9526-7947 ou nos pontos de venda

www.poeirazine.com

O melhor da música do melhor dos tempos on line

matérias exclusivas

textos inéditos que não pintaram na versão impressa
notícias do universo dos bons sons
fotos inéditas

participe

colabore com textos
poste suas mensagens
mande sugestões de pauta
cadastre-se on line

edições anteriores

acesse todas as edições da poeira Zine com extras

camisetas

estampas exclusivas de
bandas dos anos 60 e 70